

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
CENTRO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

RÚBIA ARAÚJO BORGES

**A GÊNESE DAS REFLEXÕES DA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS ASSOCIADAS À EDUCAÇÃO DE SURDAS/OS NA
REGIÃO DE CHICO REI**

MARIANA

2025

RÚBIA ARAÚJO BORGES

**A GÊNESE DAS REFLEXÕES DA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS ASSOCIADAS À EDUCAÇÃO DE SURDAS/OS NA
REGIÃO DE CHICO REI**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso Educação das relações étnico-raciais, da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinícius Fonseca

MARIANA
2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

B732g Borges, Rúbia Araújo.

A gênese das reflexões da educação para as relações étnico-raciais associadas à educação de surdas/os na região de Chico Rei. [manuscrito] / Rúbia Araújo Borges. - 2025.
54 f.: il.: tab..

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinícius Fonseca.
Produção Científica (Especialização). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de Educação e Tecnologia.

1. Surdos - Educação - Legislação. 2. Estudantes negros. 3. Bibliografia - Metodologia. I. Fonseca, Marcus Vinícius. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 376(815.1)

Bibliotecário(a) Responsável: Eliane Apolinário Vieira Avelar - CRB6/3044



FOLHA DE APROVAÇÃO

Rúbia Araújo Borges

**A Gênese das Reflexões da Educação para as Relações Étnico-Raciais Associadas à
Educação de Surdas/os na Região de Chico Rei**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Especialização em Educação para as Relações Étnico Raciais: História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação para as Relações Étnico-Raciais

Aprovada em 18 de Dezembro de 2025

Membros da banca

Professor Doutor - Marcus Vinícius Fonseca - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Professora Doutora - Kassandra da Silva Muniz - (Universidade Federal Rural de Pernambuco)
Professora Doutora - Dayse Garcia Miranda - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Professor Doutor Marcus Vinícius Fonseca, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 11/03/2026



Documento assinado eletronicamente por **Marcus Vinicius Fonseca, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/04/2026, às 11:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1073640** e o código CRC **A96ED9BE**.

Para todos aqueles que pisaram nessa
terra de Chico Rei antes de mim e
vislumbraram liberdade. Eis-me
aqui, na Universidade Federal de
Ouro Preto, pois eu sou o sonho dos
meus ancestrais!

AGRADECIMENTOS

À Deus, Nossa Senhora Aparecida e ao meu Anjo da Guarda por me concederem o dom da vida e sempre me guiarem, dando-me saúde e me colocando sempre no lugar certo, na hora certa e com as pessoas certas.

Aos meus pais, Ana Maria e José de Lana, por serem os pioneiros a consolidarem a paixão pelo conhecimento em minha vida.

À minha mãe, por sempre “falar eu filha”, expressão na qual me derretia, desde criança, quando ouvia. Tal maneira de me chamar traz aos meus ouvidos o quanto tenho orgulho de chamar essa potência de mulher de mãe e também do seu contínuo carinho que me sustentou em todos os momentos da minha vida. Seu amor inesgotável fez e faz com que eu me espelhasse em sua coragem de viver uma vida de verdade, de fé e de trilhar o ofício do aprender e ensinar. Ensinar que me faz aprender todos os dias, pois enquanto leio e releio fontes que me demonstram o mundo, você, com sua nobre experiência de vida e humanidade, simplesmente desvenda os enigmas. Além disso, sempre me apresentou a música, por meio da sua voz e violão, que são sempre um acalanto para mim e todo o público que sempre presencia. Tudo isso me direciona ao gosto pelos nossos artistas brasileiros, os quais sempre me propõe o caminho de uma educação libertadora. Obrigada, mãe. Você é e sempre será minha maior inspiração como mulher, ser humano, professora e tantas outras particularidades que me encantam. Te amo!

Ao meu pai, por ser presente em todos os momentos da minha vida cumprindo com maestria seu ofício paterno. Sua presença na escuta, nas minhas vivências, nos pontos de vista compartilhados, no ensino e orientação do como viver essa vida “que não é fácil” direcionou-me os percursos realizados até aqui. Sua condução por um caminho de fé e o encanto pela Folia de Reis de Barro Branco me traz a percepção de percorrer meus caminhos atuais. Obrigada, pai. Te amo!

Ao meu sobrinho Bernardo, por me conceder experienciar as renovações que a criança trás para uma família. Obrigada, meu amor. Esse caminho trilhado também é por você!

Aos meus irmãos. Ao meu irmão por meio das orações constantes e por meio do zelo e consciência de que estarei sempre por aqui para a concretização de uma escuta que

compartilhe nossas vivências. À minha irmã na qual somos conectadas pela conversa fraterna, parceria e estima de vida plena e feliz uma da outra.

Ao meu padrinho de batismo Tio Demá, por todo amor dedicado desde o meu nascimento, no qual é registrado na memória de minha mãe por meio de um bilhete - já de três décadas – na qual ele manda para minha mãe na maternidade para cuidar “bem da bayba”. Seu amor encorajador está presente no meu caminhar, tio. Sua felicidade de viver está presente na minha memória, sobretudo no ensinamento dos meus primeiros passos de forró. Obrigada, tio. Sua vida é importante para minha vida!

À tia Leka, pelas lindas e reflexivas conversas sempre muito sábias, oriundas de um saber dotado da sabedoria de sua “mãmãe”, na qual nutro imenso carinho e amor por suas existências em minha vida. Seu cuidado conosco se materializa pela conversa que analisa, pelas alegrias compartilhadas com nossos pets - Pepê e Kiko - e com a parceria de sempre. Amo você!

Ao meu companheiro Moisés, pela potência imensa do nosso amor, concretizada nas trocas das nossas deliciosas e divertidas vivências, sejam elas nas conversas; nos momentos de aprendizagem juntos; no compartilhamento do amor pelos animais e natureza; no carinho manifestado pelo seu olhar, no seu sorriso e na doçura da sua presença em minha vida. Presença essa que deixou minha casa mais verde e também mais feliz com a árvore da Felicidade e tantas outras lindas mudinhas. Obrigada por me fazer reconectar sempre com o simples por meio do contato com a Terra e também me ensinar a lidar com a tecnologia do *kindle* viabilizando uma leitura mais confortável dos textos para essa pesquisa. Aliás, foi por essa paixão de ler um ao outro que nosso amor surgiu! Obrigada por tudo, meu Príncipe. Que bom poder viver, esse sonho de amor com você. Te amo, Neginho!

Nesse sentido, do encanto pelo sagrado da Natureza, sou conectada à minha ancestralidade viva, que são meus avós. À Vô Raimundo (*in memoriam*) e Vó Maria por me ensinarem a potência do lidar com a arte do plantar, do lidar com a natureza e de saber lidar com o tempo de semear, o tempo de regar e o tempo de colher. À Titone (*in memoriam*), meu tio avô, pelas horas boas de incontáveis conversas que me instigaram sempre a perguntar o porquê das coisas, sobretudo, daqueles que vieram antes de nós no nosso sagrado Limoeiro. Sigo seu legado, Titone, sempre em busca de saber mais sobre as origens dos nossos!

À Adria e Reginaldo, por serem os primeiros surdos que tive contato em sala de aula e, por meio desse encontro, terem revolucionado a minha visão como professora.

Às minhas amigas e irmãs de alma, Samantha Ramos, Camila Melo, Tereza Gomides e Vanessa Souza pela permanência da caminhada comigo, mesmo nos momentos de ausências, tais quais desses últimos meses, dedicados à essa pesquisa.

Ao Rotary Club de Ouro Preto, nas pessoas de Jório e Zé Loreto, por serem os organizadores do meu primeiro estágio em uma escola bilíngue.

Ao meu grande amigo Padre Edvaldo, pelas conversas que são sempre alimento; por ser um ser humano que se encanta pelo poder da Palavra Sagrada e por entender todas nuances e dimensões de quem realmente foi Jesus Cristo na história. Somado a isso, agradeço ao incentivo sempre terno e gentil da continuidade das minhas pesquisas.

Agradeço aos professores da pós-graduação em História e Educação para as Relações Étnico-Raciais do NEABI-UFOP, por todo ensinamento transmitido em magníficas aulas por meio do ensino público, gratuito e de qualidade. Em especial ao meu orientador Prof.^o Dr.^o Marcus Vinícius da Fonseca por me conduzir com maestria e humana perspicácia científica.

À minha orientadora da época do mestrado defendido em julho de 2020, Prof.^a Dr.^a Kassandra da Silva Muniz, carinhosamente chamada por Kassy, pelos seus orientandos, por sua majestosa condução de pesquisa e docência na qual nos faz perceber como a sua fala é a sua prática.

Aos professores da banca, Dr^o Marcus Vinícius Fonseca; Dra. Kassandra da Silva Muniz e Dra. Dayse Garcia Miranda pelo aceite em fazer parte; pela leitura atenta e pelas contribuições dadas neste texto.

Por fim, mas não menos importante, à minha sala de aula, lugar que escolhi estar e que me dá a oportunidade, diariamente, de me tornar mais humana.

À todas as instituições em que estudei desde a mais tenra infância e a todo o corpo escolar nas pessoas de todos que fizeram parte e contribuíram para minha educação. À Escola Infantil Santo Antônio; à escola onde aprendi a ler e escrever – Escola Municipal Reino da Alegria - na qual minha mãe foi uma das minhas primeiras professoras. À Escola Estadual Marília de Dirceu onde cursei o primeiro e segundo segmento do Ensino

Fundamental. Ao Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Preto, lugar onde cursei o curso de Metalurgia integrado ao Ensino Médio.

À Universidade Federal de Ouro Preto, essa casa do saber e da ciência, onde me graduei em Letras, fiz Mestrado em Estudos da Linguagem, estou concluindo agora essa especialização e ainda quero desbravar mais o que tenho para aprender e conhecer, pois como filha dessa terra, tenho prazer em pertencer a essas duas cidades Mariana e Ouro Preto – às quais me conecto cada vez mais para saber as boas histórias que ainda vou aprender para poder contar.

RESUMO

O presente artigo é resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso da Pós-Graduação Latu-Sensu em Educação das Relações Étnico-Raciais: história e cultura afro-brasileira e indígena realizada pelo Núcleo de Estudos Brasileiros e Indígenas (NEABI-UFOP) e viabilizado pelo Centro de Educação à Distância (CEAD-UFOP) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). A partir das percepções que as minhas salas de aula sinalizam – no que tange à raça e surdez – fui trilhando tal caminho cuja prática diária me encaminhou para um percurso constante de pesquisa. Sendo assim, propomos uma revisão de como as histórias locais do período do Ciclo do Ouro, nas cidades de Ouro Preto e Mariana - MG são contadas, de uma forma que possam protagonizar as boas e vitoriosas histórias dos negros que vivem na região, evidenciando suas identidades. Tal sugestão vai ao encontro do ensino da história da cultura étnico-racial local por meio da Lei 10.639/2003 e também da Lei 10.436/2002 regulamentada pelo Decreto 5.626/2005, os quais orientam sobre o ensino de educação para surdos. Nesse cenário, a partir de certas vivências em sala de aula inclusiva com estudantes surdos, nossa pergunta de pesquisa foi: como se dá a associação entre as relações étnico-raciais e a educação de estudantes negros surdos nas pesquisas atuais brasileiras? Sendo assim, nosso objetivo geral foi: fazer uma pesquisa bibliográfica para identificar o que já existe de produção científica sobre educação para as relações étnico raciais e identidades negras surdas. Então, temos uma produção que versa a respeito da exposição de quais descritores elencamos para fazer uma busca no banco de catálogo de dissertações e teses da Capes. Somado a isso, analisamos os resultados dos resumos, apresentações e referências dos resultados para a construção das reflexões desse trabalho de conclusão de curso por meio da metodologia da escrevivência cunhada pela escritora Conceição Evaristo. Tudo isso está organizado em duas partes, a saber: (i) um memorial do meu percurso pessoal, profissional e acadêmico que justificam o caminho atual da pesquisa e a análise do levantamento bibliográfico realizado nessa pesquisa de caráter bibliográfico. Os resultados demonstram que estamos na gênese de um grande e amplo caminho epistemológico que une raça e surdez.

Palavras-chave: negritude; surdez; educação das relações étnico-raciais.

ABSTRACT

This article is the result of a Postgraduate Course Completion Project in Education of Ethnic-Racial Relations: Afro-Brazilian and Indigenous History and Culture, carried out by the Center for Brazilian and Indigenous Studies (NEABI-UFOP) and made possible by the Center for Distance Education (CEAD-UFOP) of the Federal University of Ouro Preto (UFOP). Based on the perceptions that my classrooms signaled – regarding race and deafness – I followed this path, whose daily practice led me to a constant course of research. Therefore, we propose a review of how the local histories of the Gold Cycle period in the cities of Ouro Preto and Mariana - MG are told, in a way that can highlight the positive and victorious stories of the Black people who live in the region, evidencing their identities. This suggestion aligns with the teaching of the history of local ethnic-racial culture through Law 10.639/2003 and also Law 10.436/2002, regulated by Decree 5.626/2005, which provide guidance on education for the deaf. In this context, based on certain experiences in inclusive classrooms with deaf students, our research question was: how does the association between ethnic-racial relations and the education of Black deaf students occur in current Brazilian research? Therefore, our general objective was to conduct a bibliographic research to identify existing scientific production on education for ethnic-racial relations and Black deaf identities. Thus, we have a body of work that addresses the exposition of the descriptors we used to search the CAPES catalog of dissertations and theses. In addition, we analyzed the results of the abstracts, presentations, and references of the research to construct the reflections of this final course work using the methodology of "escrivência" (a term coined by the writer Conceição Evaristo). This is all organized into two parts, namely: (i) a memoir of my personal, professional, and academic journey justifying the current path of the research and an analysis of the bibliographic survey conducted in this bibliographic research. The results demonstrate that we are at the genesis of a large and broad epistemological path that unites race and deafness.

Keywords: blackness; deafness; education of ethnic-racial relations.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. MEMORIAL	17
2.1 A gênese dos sonhos: os anos de 1998 a 2003	17
2.2 O advento da docência: os anos de 2004 a 2012	18
2.3 O redirecionamento: o ano de 2015.....	20
2.4 Estágio Vivência no CES Rio Branco no ano de 2016	22
2.5 Centro de Educação para Surdos Rio Branco.....	24
2.6 – I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística e Libras (UFSC) no ano de 2016	27
2.7 – A paixão da efetiva consciência racial	28
2.8 – A linguística aplicada crítica e transgressiva e a junção do “lé com cré”	31
3. RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS E A SURDEZ	34
4. PONTOS EM COMUM DOS TRABALHOS ANALISADOS	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
6. REFERÊNCIAS	49

1.INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso é um resultado dos caminhos epistemológicos que trilhei na Pós-Graduação *latu-sensu*, semipresencial, realizada pelo Centro de Educação à Distância da Universidade Federal de Ouro Preto (CEAD-UFOP), cuja especialidade é intitulada: Educação das Relações Étnicas Raciais: história e cultura afro-brasileira e indígena, sob orientação do Prof. Drº Marcus Vinícius da Fonseca. Tal trabalho está associado – também - às minhas vivências pessoais, acadêmicas e profissionais. Nesse sentido, já afirmo que se trata de uma *escrevivência* – conceito engendrado pela escritora Conceição Evaristo que define, basicamente, a escrita autobiográfica de pesquisadores negros. Tal conceito é abrangente, pois nos orienta a escrever, viver e se ver dentro de um contexto de uma experiência étnica, de gênero e abre possibilidades para visões interseccionais, às quais amplio aqui a visão para as múltiplas identidades surdas.

Como afirma Blommaert (2009) é preciso situar-se para saber de onde partimos em nossas experiências de pesquisa e, conseqüentemente de linguagem. Sendo assim, entendendo a linguagem como uma forma de interação. Melhor dizendo, como postula Travaglia (2001) percebo a linguagem como: “um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico.” (TRAVAGLIA, 2001, p. 23). Dessa forma, percebo que todo o contexto em que um sujeito vive, são construídas suas referências de linguagem e de interação com o mundo. Tal contexto pode ter relação com gênero, classe social, perspectiva histórica, língua – seja oral-auditiva, aquela utilizada por nós ouvintes; seja a língua visuoespacial, aquelas usadas pelas pessoas surdas. Nesse sentido, acrescento a forma como conceito língua. Como licenciada em Letras, tenho como conceito a visão mais ampla engendrada por Lúcia Maria de Assunção Barbosa, ou seja, vejo a língua, sobretudo a portuguesa, como língua de acolhimento (PLAc). Isso porque, em sala de aula, seja para os estudantes de português como língua materna, sejam os estudantes de língua adicional, busco sempre metodologias cujo ensino seja de forma que a aprendizagem possa ser concretizada de forma significativa para eles. Isso também engloba a consciência de que o ensino de língua portuguesa para estudantes surdos deve ser pensado em uma perspectiva de

português como segunda língua (L2). Isso porque, embora o conceito da PLAc envolva acolhimento de uma situação delicada de contexto de aprendizagem de língua – como foi pensada inicialmente para refugiados – mesmo assim, para os surdos, ela ainda está em um contexto de colonialidade, desde a origem da imposição dos portugueses. Dessa forma, pensar português como L2 para surdos é mais adequado. Ainda mais no contexto sócio-histórico na qual sou professora de língua portuguesa - em que leciono há quase uma década - e que agora situarei que lugar é este e também situarei as minhas identidades.

Sou mulher, negra e mineira da Região de Chico Rei. E tudo isso está marcado nessa pesquisa. Tal região engloba as principais cidades mineiras do período do Ciclo do Ouro, na época do Brasil Colônia, ou seja, período que durou entre o contexto dos séculos XVI a XVIII. Tais cidades são localizadas no entorno da atual cidade de Ouro Preto, no estado de Minas Gerais, cujo nome, à época, era Vila Rica. Tal cidade obteve destaque mediante sua prosperidade por meio da mineração de ouro. Destaco as atuais cidades de Mariana e Ouro Preto, pois são as duas nas quais atuo como professora e que, respectivamente, sou nascida e criada, retomando à uma expressão comumente regional para situar-se. Entretanto, a região é popularmente conhecida como Região dos Inconfidentes, fazendo referência à Inconfidência Mineira, que foi uma tentativa de revolta da elite da antiga Vila Rica, no ano de 1789, com o objetivo de protestar contra os poderes políticos e econômicos da Coroa Portuguesa sobre a Capitania de Minas Gerais. Contudo, tal revolução não foi concretizada, uma vez que um dos inconfidentes denunciaram tal conjuração antes de ela ser concretizada.

Sendo assim, nessa mesma época, houve um outro movimento de liberdade, proferido por um escravizado capturado no Congo, cujo nome era Nalanga, segundo Moura (1997) em sua obra intitulada: O ouro da liberdade: a história de Chico Rey.¹ Após ter sido traficado e chegado em Vila Rica, ele foi batizado como Francisco, mas ficou popularmente conhecido como Chico Rei, pois ele era rei do seu reinado no Congo e manteve a realeza ao liderar a sua aldeia, que foi trazida toda junta para Vila Rica:

Na noite anterior à chegada à Vila Rica de Ouro Preto, Francisco Nalanga falou a seu povo: - “Bravos Kikuyu! Um desafio enorme nos espera. Será uma

¹ Romance publicado em 1997, pela escritora Helena Moura, que descobri em uma das escolas que trabalho durante uma visita mensal na biblioteca com os estudantes.

batalha fantástica, da qual só podemos sair vencedores. Nosso inimigo é invisível, mas poderoso. Ele vai se infiltrar entre nós, guerreiros invencíveis, através dos nossos corações e pensamentos. Vamos nos preparar para essa batalha diferente de todas as outras que vencemos, e, principalmente, vamos nos preparar para nossa vitória. Nossa estratégia e nossas armas serão baseadas em três pontos, que jamais deverão ser esquecidos. Primeiro: a união firme e inquebrantável do nosso povo, uns com os outros. Segundo: o nosso amor para com todos, até para com os que nos parecem estranhos. E, por último: o nosso perdão, para qualquer um. (MOURA, 1997, p. 40)

Percebe-se então uma condução majestosa ao guiar o seu povo mediante às perversidades da escravidão. Contudo, Chico Rei aconselha muito bem o seu povo e, dotado de uma grande perspicácia e análise de cada momento desse contexto, ele caminha rumo à sua liberdade e também do seu povo, pois:

Muitos escravos foram libertos do cativeiro graças a um único homem, Chico Rey, que soube conduzir uma situação crítica, vencendo com obstinação os mais difíceis obstáculos. Foram centenas de pessoas que alcançaram a liberdade com o ouro da mina da Encardideira e o trabalho de uma tribo inteira. (MOURA, 1997, p. 136)

Ou seja, de fato, Chico Rei concretizou a liberdade para si e muitos dos seus nesse contexto do Ciclo do Ouro em Ouro Preto. Sendo assim, se temos uma personalidade, que vislumbra liberdade e que realmente foi concretizada – parafraseando o Dr. Marcus Vinícius, na V Semana Acadêmica Dom Luciano², esse alguém é Chico Rei. No entanto, ao afirmar isso não estamos desfazendo, digamos assim, daqueles que morreram e foram condenados pelos feitos da Inconfidência Mineira. Estamos, apenas, deslocando e sugerindo que a região seja conhecida por uma referência a um projeto de liberdade representado pelos negros que habitaram Vila Rica no contexto do Ciclo do Ouro. Somado a isso, ter a compreensão do contexto sócio-histórico de Ouro Preto é uma forma de concretizar o que nos orienta a Lei 10.639/2003 a respeito do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. Como docente, sobretudo no ensino da educação básica dessa região, considero demasiadamente importante a pesquisa contínua dessas boas histórias para que os sujeitos discentes consigam entender não só a potência dos seus ancestrais, mas também ter consciência da potência das suas origens.

² FONSECA, Marcus V. **A educação dos negros no século XIX na província de Minas Gerais**. Mariana: [s.n.]. 31 Agosto 2022.

Diante disso, propomos, nesse trabalho de conclusão de curso, a gênese das reflexões da educação para as relações étnico-raciais associadas à educação de surdas/os na Região de Chico Rei, pois de acordo com o Censo do IBGE, Mariana e Ouro Preto tem, respectivamente, 73% e 70% de população autodeclarada negra. Dessa forma, são altas as chances de encontrar estudantes negros surdos na região, como abordarei ao longo do trabalho. Somado a isso, tal motivação surge quando fui provocada pelas teorias da linguística crítica e transgressiva para pensar os estudos da linguagem associadas às identidades. Estudar sobre surdez fez-me olhar para mim mesma como mulher negra, de uma forma mais politicamente profunda, pois “eu sou o que sou, pois agora eu sei quem sou eu”. (PORTUGAL e MATUMBI, 2021) Sigo, então, associando estudo e pesquisa, à essa dupla diferença, como afirma Furtado (2012). Todavia, já problematizo essa autodescoberta, pois só percebi a partir de me interessar por uma diferença. Até porque é uma característica das relações étnico raciais brasileiras serem marcadas por essa fuga da população negra da sua identidade racial. Isso porque é preciso passar por um abismo de dor para compreender tais complexidades.

Sendo assim, uma vez delimitado o caminho deste trabalho, torna-se relevante fazer uma breve apresentação da educação de surdos no Brasil. Permanecemos, ainda, em tempos passados ao fazer tal abordagem, pois foi ainda no século XIX que tivemos a primeira escola para surdos, que foi fundada em 1857, com anuência do Imperador Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, atualmente conhecida como Instituto Nacional de Surdos, o INES. Tal instituto foi e é referência para educação e profissionalização de surdos no Brasil. Contudo, apenas em 2002, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida como língua no Brasil por meio da Lei 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto 5626/2005 que orienta quais intervenções devem ser realizadas para que as múltiplas identidades surdas sejam respeitadas. No entanto, ao considerar a data de fundação do INES como anterior à Lei Áurea (1888), que extinguiu a abolição da escravidão no Brasil com apenas dois artigos, podemos inferir que dificilmente teria ali surdos negros nesse contexto bilíngue de aprendizagem. Provavelmente, inicia-se aqui a desigualdade secular da educação da comunidade surda branca e comunidade surda negra no Brasil, necessitando de mais investigação epistemológica a respeito.

Contudo, ao retornar à discussão legislativa percebemos na prática docente, em geral, o desconhecimento dessas legislações e, conseqüentemente seu descumprimento. Então, a partir de tais ausências, a hipótese de nossa pesquisa é: existe uma possibilidade

de que questões ligadas à educação das relações étnico raciais associadas à surdez são pouco discutidas nas pesquisas no Brasil. Dessa forma, a nossa pergunta de pesquisa é: como se dá a associação entre as relações étnico-raciais e a educação de estudantes negros surdos nas atuais pesquisas brasileiras?

Para isso, esse trabalho foi dividido em duas partes: o primeiro trata-se da escrita de um memorial descrevendo o meu percurso até a fusão dessa dupla diferença: negritude e surdez. Já o segundo é a exposição do resultado de um levantamento bibliográfico realizado no catálogo de teses e dissertações da Capes sobre essa temática associada às minhas análises.

2. MEMORIAL

2.1 A gênese dos sonhos: os anos de 1998 a 2003

“Eu gostava daquela pausa para refletir sobre a melhor forma de traduzir.”

Início aqui o meu memorial desde as primeiras lembranças que tenho a respeito do caminho que me levou à minha atual trajetória profissional. A minha trajetória rumo à educação sempre foi muito incentivada pelos meus pais, desde a mais tenra infância. Ambos afirmavam que essa era a maior herança que poderiam deixar. E, por alguma razão muito forte, eu sempre os escutei. Somado a isso, outro incentivo que foi muito forte e é oriundo das conversas com meus avós – Maria Auxiliadora, Vô Raimundo e Titone. A riqueza das trocas proporcionadas com horas de conversas me fazia compreender como eram as vivências da minha ancestralidade viva. Toda a trajetória deles compartilhadas comigo fizeram-me compreender como era esse mundo antes da minha existência. Além disso, a relação com o plantio, a terra, os animais, a natureza fizeram-me direcionar um olhar curioso ao meu redor e sempre perguntar o porquê das coisas.

Desde que me entendo por gente, todos os meus sonhos têm relação com língua, idioma. O primeiro era ser aeromoça. Na minha infância, aeroporto era um lugar turístico, que íamos apenas para visitar e ver aquelas grandes aeronaves decolando, mas nunca era lugar de embarque para viagens. Ao visitar parentes em grandes centros urbanos, como São Paulo e Belo Horizonte, ficávamos admirando aquele contexto quase impossível para nós, ou melhor, era algo que restringia apenas à nossa visita. Entretanto, aquele ambiente me encantava. Eu achava incrível a elegância das aeromoças que circulavam com suas malas pelos salões e me via atraída por aquilo, de alguma maneira. Então, eu

ficava me imaginando adulta exercendo aquela profissão mediante aquele requinte do ambiente e da certeza, também, que eu iria trabalhar, de alguma forma, com línguas estrangeiras. Somado a isso, um marco muito grande que tenho na minha memória é que eu “aprendi” a ler no aeroporto. Lembro muito bem quando juntei o “lé com cré” das palavras e elas fizeram sentido para mim; eu estava nesse ambiente e li a palavra “TAM” - nome de uma companhia aérea que atualmente chama-se LATAM. Lembro da minha empolgação de ter conseguido. E isso corrobora com a discussão de PIAZZI (2008) que afirma que na aula nós não aprendemos e sim entendemos, pois o processo de aprendizagem é solitário, nesse sentido. Então, foi demasiadamente marcante esse entendimento de ter usado as ferramentas entendidas em sala de aula, para, posteriormente ter aprendido a ler. O curioso é que fiquei procurando a mesma palavra para ler em vários contextos e ficava feliz quando encontrava em camisas de futebol, por exemplo. Em suma, essa foi a primeira lembrança de experiência de leitura e de sonho profissional.

Já o segundo era ser intérprete, pois adorava ver aquele contexto de tradução quando o Faustão³ convidava algum estrangeiro e a tradutora intérprete fazia a tradução simultânea. Eu via algo de muito incrível entre aquele tempo que o estrangeiro falava e a tradutora intérprete traduzia. Aquela pausa evidenciava uma comunicação diferente com aquela pausa, e eu gostava muito daquilo, muito daquela diferença de comunicação. Eu gostava daquela pausa para refletir sobre a melhor forma de traduzir. Assim, ficava encantada com aquele contexto em que o intérprete era uma ponte entre algum sujeito que não conhecia a língua do outro. Então, a comunicação acontecia, pois a compreensão era concretizada por meio da atuação do intérprete. Sendo assim, por algum tempo, eu falava que seria intérprete quando crescer. Isso é validado pelos comentários das pessoas que me conhecem desde criança, pois vendo a minha divulgação da língua de sinais, eles comentam que atualmente estou no lugar certo, pois lembram dessa minha vontade.

2.2 O advento da docência: os anos de 2004 a 2012

Ainda nesse contexto de memórias de infância, retomo às brincadeiras que também lembram o porquê da minha escolha profissional. Quando criança, adorava

³ Nome do apresentador de um programa de televisão do canal aberto Rede Globo.

brincar de escolinha. Por alguns anos, lembro que pedia ao meu pai para comprar quadro verde e giz como presentes de natal. Além da lembrança forte de leitura, tenho lembranças fortes sobre minha relação com a escrita. Essas brincadeiras, por exemplo, estão registradas em um dos meus diários de infância. Registrava, quase que diariamente, minhas rotinas de brincadeiras e percepções das pessoas ao meu redor. E brincar de escolinha, está nesse registro, de forma bem organizada inclusive, pois eu passava o conteúdo na sala de aula e ainda dava tarefa para casa para os meus “alunos”, que eram uma prima e meu irmão.

Nas páginas desse diário também encontro o orgulho de registrar as coisas que aprendia na escola; o meu primeiro contato com a língua inglesa estava lá. Percebi empolgação no registro, mas logo nas páginas próximas, uma dificuldade de lidar com a língua estrangeira. Todo esse relato feito até então era datado a partir do ano de 2003, ou seja, eu estava com 11 a 12 anos de idade. Cursei o fundamental II na Escola Estadual Marília de Dirceu e, da 5ª à 8ª série estava inserida em uma turma considerada muito boa. Então, lembro muito bem das relações com os colegas traçando futuros brilhantes por meio da conquista das oportunidades que Ouro Preto oferecia por meio do ingresso ao ensino público federal a partir do Ensino Médio – com o IFMG-OP e posteriormente, a Universidade Federal de Ouro Preto. Dessa maneira, comecei a vislumbrar a conquista desses espaços.

Sendo assim, comecei a me preparar para o ingresso ao IFMG-OP. Era rotina ouvir também dos meus familiares a potência de estudar em tal lugar. Então, junto do contexto em que eu vivia, aliado à vontade de sempre compreender que poderia melhorar minha condição estudando, ingressei-me nesse preparo. Contudo, o preparo emocional não fora possível ser realizado. E, ao tentar pela primeira vez um processo seletivo para cursar o Ensino Médio Técnico Integrado de Metalurgia, não consegui ser aprovada. Vivi essa experiência como a primeira de saber o que é não estar no lugar que almejava. Precisei, então, cursar, durante um ano, a primeira série do Ensino Médio em uma escola estadual. Um ano depois, não desistindo do meu sonho do IF, tentei novamente e fui aprovada.

Tal experiência fora incrível, pois sabia que não tinha tempo a perder e que precisava dar o meu melhor com o tempo que tinha e valorizava-o muito, pois lá foi a primeira experiência que tive de lidar com o trabalho. Fui bolsista no restaurante da escola. Então, precisei já otimizar o tempo de estudo e a responsabilidade de trabalhar, pois tinha maiores responsabilidades. Contudo, observava muitas coisas ali. O brilho nos

olhos que alguns professores tinham ao falar de suas pesquisas a nível de mestrado, principalmente, era algo que me chamava atenção. Isso também me marcou. Ali tive experiências incríveis com várias oportunidades dentro do ensino federal, além de professores, funcionários e o convívio com várias pessoas que estão na memória viva da minha trajetória.

Seguindo tal processo, os anos foram passando e chegou o tempo do vestibular. Formei o Ensino Médio no ano de 2011 e, em 2012, como o processo seletivo já era viabilizado por meio do ENEM, pude escolher duas opções de curso, como forma de acesso à universidade pelo SISU. Por já estar cursando o curso técnico de metalurgia integrado ao Ensino Médio, imaginei que queria seguir carreira e coloquei como primeira opção de curso Engenharia Metalúrgica. No entanto, a segunda opção ficou em branco. Nesse momento, consultei a minha memória para lembrar as coisas que sempre gostei de fazer. Então, lembrei da leitura e da escrita! Dessa forma, lembrei do curso de Letras. Percebi que, pelo contexto que vivia - cuja Escola de Minas da UFOP sempre obteve um requinte e prestígio nas narrativas que ouvia falar - precisei de muita coragem para escolher o curso de Letras, pois não era algo que poderia me dar sucesso, segundo alguns relatos. Contudo, segui em frente e percebi que fiz a minha melhor escolha.

Nesse sentido, ingressando no curso de Letras da UFOP, algo me chamou muita atenção já nas primeiras aulas: o bom humor dos professores. Tal realidade pode ter inúmeras razões e não vou centralizar à análise delas, tampouco em contabilizá-las e/ou esmiuçá-las. O que nos interessa aqui seria essa minha percepção e meu encantamento. Acredito que seja pelo motivo de o curso de Letras reunir todas as oportunidades que eu teria para concretizar meus sonhos de infância, ou seja, trabalhar com várias línguas. A partir daí, aproveitei todas as oportunidades do curso participando de projetos de extensão, Projeto Institucional de Iniciação à Docência - PIBID, projetos de pesquisa e etc. Somado a isso, adorava as aulas de línguas estrangeiras e a oportunidade de conhecer inúmeras línguas, como inglês, latim, francês...

2.3 O redirecionamento: o ano de 2015

Entretanto, uma experiência em uma sala de aula inclusiva, de uma turma do ensino médio, de uma escola pública de Mariana, fez-me redirecionar as minhas prioridades como professora em formação. No ano de 2015, tive o primeiro contato, em

sala de aula, como bolsista do PIBID Análise Linguística, com dois estudantes surdos. Fiquei encantada e assustada. O encantamento se deu por meio do contato com uma forma de comunicação diferente da minha – oral auditiva. Já a deles, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) era visuoespacial. A diferença ali foi marcada, mas o susto fez-me fazer a seguinte reflexão: qual a finalidade de eu aprender francês tão empolgada na universidade se não terei alunos usuários desse idioma? Então, os meus caminhos reflexivos como professora centralizaram-se a partir dessa experiência. Àquela altura do campeonato, eu já havia feito a disciplina de Português como segunda língua, na graduação em Letras, como prevê o Decreto 5626/2003. Tal disciplina orientava-nos quanto ao ensino de português como segunda língua escrita para estudantes surdos. Contudo, eu não era fluente em Libras e conseguia apenas falar “oi” e “boa tarde” em língua de sinais e o restante precisava – o tempo todo – da intermediação da intérprete. Então pensei: como consigo falar somente isso para dois alunos que são brasileiros como eu? Prometi para mim mesma que não queria passar por aquilo nunca mais na minha vida e decidi aprender língua de sinais! Então, comecei a viver tais experiências para além da universidade e buscar contato com a comunidade surda local, pois “não nasci na indecência de falar do que não é meu”. (OLIVEIRA, 2016)

Nessa mesma época, eu fazia parte do Rotaract Club de Ouro Preto, que é um grupo da juventude da instituição filantrópica Rotary Club de Ouro Preto, associada ao Rotary Club Internacional, que existe no mundo inteiro para fazer trabalhos voluntários a partir de situações emergentes do lugar em que o clube está inserido. Naquele ano, eu fazia parte da diretoria do clube e, além disso, fazia parte também da diretoria de um projeto financeiro intitulado Comida Di Buteco⁴, cujo lucro é sempre destinado às necessidades de alguma entidade filantrópica da cidade de Ouro Preto. Então, como comecei a frequentar as reuniões da Associação de Surdos de Ouro Preto, a ASOP⁵, soube que eles estavam em processo de registro civil, ou seja, eles precisavam fazer um registro em cartório da Associação e era preciso um investimento de um valor considerado alto para aquele grupo voluntário. Sendo assim, indiquei ao Rotaract a possibilidade de esta

⁴ Disponibilizo duas matérias do Jornal Voz Ativa, jornal local da cidade, que divulgaram as edições de 2014 e 2015 do evento: <https://jornalvozativa.com/cultura/4o-festival-comida-de-boteco-do-rotaract-club-de-ouro-preto-mg-acontece-nesse-fim-de-semana/> e <https://jornalvozativa.com/cultura/agenda-cultural/vem-ai-o-5o-festival-rotaract-comida-de-boteco-de-ouro-preto-mg/>

⁵ Passo agora a usar esta sigla, durante todos os momentos que eu for falar da Associação de Surdos de Ouro Preto.

ser uma instituição a ser contemplada com o destino dos lucros do Comida de Buteco daquele ano (2015). Contudo, ao apresentar tal intenção para o nosso clube superior, o Rotary Club, fomos orientados que não era possível fazer uma doação para um CPF. Era preciso um CNPJ. No entanto, o Rotary entendeu a dimensão da causa, pois um dos companheiros estava sensibilizado por ter participado da Convenção Internacional do Rotary, que, naquele mesmo ano, aconteceu no Brasil, em São Paulo e, coincidentemente, abordou a surdez. Tal evento fez uma apresentação do Centro de Educação para Surdos Rio Branco⁶, da Fundação de Rotarianos de São Paulo. A partir daí, esse companheiro oportunizou-me um estágio vivência, gratuitamente, juntamente de algum membro da ASOP. E, a respeito do registro da associação, a diretoria do clube patrocinou a fundação a partir de uma contabilidade de um dos membros do Rotary Club de Ouro Preto. Ou seja, o evento financeiro não pode destinar seu lucro à associação, mas a ASOP não ficou sem registro. Ela foi oficializada por meio do apoio do Rotary Club de Ouro Preto. Entretanto, infelizmente, no ano de 2023, as atividades da associação foram pausadas.

2.4 Estágio Vivência no CES Rio Branco no ano de 2016

Diante desse relato, acho oportuno detalhar como foi esse estágio vivência no Centro de Educação para Surdos Rio Branco, pois tratou-se da minha primeira experiência em uma escola bilíngue (Libras – Português). Tal oportunidade revolucionou a minha visão como professora de língua portuguesa - mesmo naquele ano que era o meu último como graduanda na Licenciatura em Língua Portuguesa – e ecoa nas minhas práticas como docente até hoje. Os reflexos daquela vivência em um ambiente bilíngue são reflexos atuais na minha sala de aula atualmente do ensino regular, no qual falarei mais adiante.

Retomando à narrativa dessa experiência, levei comigo uma das companheiras da ASOP na qual hoje faz parte das referências desse trabalho de conclusão de curso. Vanessa Souza de Paula é cientista da área da surdez e atualmente faz uma discussão à luz do letramento visual como possibilidade para ensino de língua portuguesa escrita como segunda língua para alunos surdos. (PAULA, 2023) Tal contribuição é uma ferramenta que me possibilita pensar em estratégias mediante à uma experiência atual que

⁶ Site do Centro de Educação para Surdos Rio Branco: <https://ces.org.br/Site/Default.aspx>

estou tendo como professora regente de uma aluna surda em sala de aula bilíngue, na qual falarei mais adiante também.

Passo agora a fazer, de fato, o relato detalhado dessa experiência no Centro de Educação para Surdos – CES Rio Branco. Durante o período do dia 26 a 29 de julho de 2016 realizei o estágio vivência no Centro de Educação para Surdos Rio Branco, localizado na cidade de Cotia, São Paulo. Esse colégio faz parte da rede do Colégio Rio Branco da Fundação de Rotarianos de São Paulo (FRSP). Para mim tal experiência foi de fundamental importância para ter a certeza da minha especialização e continuidade de estudos na área da educação para surdos e o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua, ainda na graduação. O colégio Rio Branco é uma instituição que visa focar na seriedade da educação e está preocupado em oferecer um sistema de ensino de qualidade capaz de formar estudantes que serão capazes de viver por meio das diversidades das identidades e cultura surda. Isso porque o CES Rio Branco é um colégio bilíngue, que surgiu em 1977 e, desde então:

oferece atendimento a crianças e jovens surdos, em maioria proveniente de famílias de baixa renda, sempre preocupado com o respeito às diferenças e com efetiva inclusão da minoria surda na sociedade majoritariamente ouvinte. O CES oferece uma educação pautada no educando e na valorização e respeito à diversidade cultural e linguística, atuando numa perspectiva educacional bilíngue, na qual a língua é concebida como atividade de natureza sociocognitiva e promotora de interação humana. (Cartilha do Centro de Educação para Surdos Rio Branco)

Além disso, o CES Rio Branco acredita que a interação com a família das crianças é extremamente importante para o desenvolvimento da criança e jovens em todas as etapas. Dessa forma, quando uma criança surda inicia suas atividades no colégio, é oferecido um curso de Libras gratuitamente aos familiares. E, considerando a presença e acompanhamento dos pais como algo fundamental, o colégio oferece diversas atividades interativas de participação e atuação no processo educacional das crianças.

Dessa forma, sigo a descrição das propostas educacionais do CES Rio Branco, seu funcionamento, corpo docente e a descrição sobre o estágio vivência que realizei, além das minhas percepções críticas e considerações a respeito da realidade da minha região Ouro Preto e Mariana, pois são as duas cidades que trabalho atualmente como professora regente. Tudo que presenciei no CES Rio Branco, somado a tudo que havia estudado até ali, foram ferramentas que permitiram a condução do que fazer, porque fazer, o que/como

militar e o que orientar em prol das famílias negras surdas às quais encontro e encontrarei futuramente.

2.5 Centro de Educação para Surdos Rio Branco

Dotado de um corpo docente capacitado com formação, orientação e sensibilização para a diferença linguística em torno da surdez, o CES Rio Branco conta com professores fluentes em Libras e Língua Portuguesa em sua modalidade escrita. A equipe é composta por professores surdos e ouvintes, o que faz toda a diferença para o desenvolvimento das múltiplas identidades dos estudantes. Além disso, os demais funcionários sabem língua de sinais e o ambiente é acessível às crianças surdas. Isso traz uma harmonia visível ao trabalho de toda a equipe.

O CES Rio Branco tem uma organização coerente ao seu ambiente bilíngue, pois seus projetos e propostas educacionais são refletidos e pensados com a finalidade de garantir a aprendizagem da língua materna das crianças surdas – Libras - e a língua portuguesa em sua modalidade escrita. Para isso, eles organizaram-se em quatro grandes etapas: Programa de Estimulação do Desenvolvimento, Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Programa de Continuidade de Escolaridade.

O Programa de Estimulação do Desenvolvimento (PED) é um programa de atividades iniciais com bebês surdos. O colégio conta com salas específicas para esse desenvolvimento que “é o primeiro passo na educação de crianças surdas, atendendo a faixa de 0 a 3 anos.” (Cartilha CES Rio Branco). Fora um trabalho maravilhoso de observar, pois as salas são super bem equipadas. Inclusive, há uma sala que simula um espaço doméstico (casa) e os funcionários do colégio auxiliam os pais a como adaptar o ambiente para o filho surdo e como atentar-se aos sinais de seus filhos desde a mais tenra idade.

A Educação Infantil é “oferecida, prioritariamente, para crianças de 3 a 5 anos. Ela tem por finalidade o desenvolvimento dos aspectos linguísticos, físicos, emocionais, cognitivos e sociais do aluno” (Cartilha CES Rio Branco). Ademais, o CES Rio Branco tem uma parceria com o Colégio Rio Branco que faz atividades integradas com os alunos surdos e ouvintes para promover e fortalecer o respeito às diferenças.

No Ensino Fundamental (do 1º ao 5º ano) os alunos têm a oportunidade de conviver com professores surdos, usuários da Língua Brasileira de Sinais que promovem uma linguagem compatível com a idade de cada um. Nessa fase, o CES Rio Branco faz com que seus alunos:

dedicam-se aos estudos em período integral, propiciando acesso ao currículo e projetos extracurriculares envolvendo pesquisas e atividades como dança, teatro, cinema, artes, esportes e tecnologia, entre outras coisas, para contemplar dos diferentes estilos de aprendizagem. (Cartilha CES Rio Branco).

E finalmente, na etapa do Programa de Continuidade de Escolaridade, os alunos são direcionados a uma escola inclusiva, mas parceira do CES Rio Branco, que faz um acompanhamento de seus alunos surdos. Nesta fase, os alunos que concluíram o 5º ano do ensino fundamental no CES:

já estão com a identidade surda formada e fortalecida, são incluídos em classes regulares do Colégio Rio Branco e de instituições parceiras, onde são acompanhados por tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa, qualificados e mantidos pela Fundação de Rotarianos de São Paulo. (Cartilha CES Rio Branco)

Então, com o objetivo de sempre fortalecer a inclusão de forma adequada e eficiente, o Centro de Educação para Surdos Rio Branco mantém contato com todas as suas instituições parceiras em um diálogo com os estudantes e toda a equipe envolvida no programa.

Descrição do Estágio Vivência

Desde o ano de 2015, quando recebi a proposta de conhecer o Centro de Educação para Surdos Rio Branco, sempre tive o acompanhamento dedicado da diretora do colégio. Ela sempre me auxiliou dando as informações necessárias para a concretização da viagem. Ao chegar ao colégio, eu e a minha companheira de viagem recebemos um cronograma de atividades e acompanhamento das aulas em todas as etapas do programa educacional do colégio.

A diretora preparou os professores e alunos para a nossa chegada e todos eles nos receberam com grande acolhida e carinho. Ficamos em salas separadas, pois as turmas têm poucos alunos e isso fora pensado para que pudéssemos aproveitar mais os programas e trocássemos experiências entre nós a cada turma observada.

A primeira sala observada foi de uma das turmas do ensino fundamental I. Era aula de geografia e a professora, sempre falava em Língua Brasileira de Sinais e (Libras) trabalhava em uma perspectiva visual totalmente coerente às condições dos seus alunos surdos. O tema da aula era “Caminhos” e ela ensinava as várias formas de caminhos (asfaltado, pedregoso, estrada de terra) e alternava com imagens no retroprojetor para que os alunos associassem a imagem aos sinais referentes a cada tipo de caminho. Durante toda a semana, observamos outras turmas em várias outras aulas. Todas eram sinalizadas e trabalhadas em língua portuguesa escrita. Observamos aulas com professores surdos, ; e isso fora magnífico observar, pois o contato das crianças com o professor surdo é algo realmente primordial para o desenvolvimento delas. Além disso, a pertinência desse contato era algo nítido de perceber. Sendo assim, sinalizo aqui a potência da relação entre iguais que compartilham a mesma diferença, nesse caso, o da surdez. Fico imaginando o que seria testemunhar um professor surdo negro lecionando para um semelhante.

Particularmente, nesse estágio vivência, um dos momentos mais emocionantes que tive foi a observação da aula de Língua Portuguesa como L2⁷ para os alunos do Programa de Continuidade de Escolaridade do CES. No mesmo campus, do Colégio Rio Branco, tivemos a oportunidade de conhecer de perto esse programa coordenado por uma intérprete. Ela conversou conosco e trocou inúmeras experiências, além de dar vários conselhos para iniciar algo parecido na região de Ouro Preto e Mariana. Logo após essa conversa, observamos a aula da professora de português como L2. Tal aula é composta somente por alunos surdos, pois é o que é eficaz para que eles aprendam português em sua modalidade escrita.

Nesse dia, fomos recebidas também de forma carinhosa pelos estudantes. Nós nos apresentamos em língua de sinais e eles ficaram super empolgados com isso. Outro ponto interessante de se observar foi que a professora tem uma relação de grande parceria com os intérpretes. Percebi que isso é fundamental para um bom trabalho. Dando continuidade ao relato, a professora pediu para que uma das alunas nos falassem em Libras o conteúdo

⁷ Sigla utilizada para referirmos à um idioma como segunda língua como anteriormente já indicado.

da aula. Tratava-se de alunos do 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do Ensino Médio. A aluna nos relatou que estavam estudando regência nominal e apontou para a lousa que estava projetada atividades sobre o assunto em *power point*.

A professora usava uma metodologia que explorava a perspectiva visual. A docente mostrou a origem das palavras da língua portuguesa em imagens para contextualizar a L2 dos alunos surdos. Foi muito interessante. Logo após, entrou uma segunda turma. Nós nos apresentamos em língua de sinais e eles também interagiram bastante conosco, perguntaram nossa origem e se existiam surdos em nossa região. Em seguida, a professora passou uma proposta de redação baseado nos moldes do ENEM. Ela passou a proposta, explicou em língua de sinais com a ajuda do intérprete. Fora uma experiência extraordinária e muito rica em todos os sentidos.

2.6 – I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística e Libras (UFSC) no ano de 2016

Imersa em todas essas vivências e com contato com amigos pesquisadores, decidi ir ao I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística e Libras. Tal evento foi o precursor na área de Linguística de Sinais no Brasil. Como era em outro estado, precisei ir de avião; estava presente no aeroporto não mais como visitante, mas sim como alguém atuante embarcando rumo aos níveis mais altos de seus sonhos. Foi outra oportunidade de me encantar com tanta experiência diferente: seja no testemunho de ver inúmeras línguas de sinais diferentes (espanhola, francesa, norte americana); seja no testemunho de perceber um ambiente inédito – uma maioria de pessoas surdas, comunicando. Somado a isso, há também aqui a ascensão que a educação nos promove em relação a múltiplos acessos.

Foi incrível ver inúmeras apresentações de trabalhos, pesquisas, projetos nas mais variadas línguas de sinais e temáticas. Percebi a diversidade da Libras tátil e a magnitude e potência das múltiplas possibilidades de comunicação humana. Nesse evento, eu era somente ouvinte, pois ainda estava começando o interesse e ainda não tinha experiência de pesquisa na área da surdez. Contudo, trouxe tudo que experienciei na bagagem, junto com vários livros e ainda mais certeza de fazer pesquisa na área.

2.7 – A paixão da efetiva consciência racial

Tais relatos feitos até aqui de forma detalhada, não tem uma intenção cansativa, mas sim a vontade de trazer a dimensão do que foi testemunhar isso ainda na graduação e também demonstrar a minha trajetória de vivência acadêmica. Tais experiências conduziram-me ao mestrado, cuja defesa aconteceu em julho de 2020 sob orientação da Professora Dra. Kassandra Muniz, cujo título foi: Ensino de Língua Portuguesa para estudantes surdos/as: sobre a possibilidade de português como língua de acolhimento, realizado pelo POSLETRAS-UFOP. Na época, pensamos na possibilidade do português como língua de acolhimento para estudantes surdos, mas a partir de uma adoção de um viés crítico constante de análise, percebemos que não é o mais adequado; já que continua sendo uma língua não natural para as pessoas surdas. Dessa forma, a orientadora fez com que eu entendesse a dimensão de perceber o contexto observado de forma crítica. Foi dessa maneira que segui com o relato dessa experiência e adoto como postura de vida atualmente, pois: “A análise crítica é, portanto, sempre e necessariamente a análise da linguagem situada e contextualizada, e o próprio contexto torna-se uma questão metodológica e teórica crucial no desenvolvimento de um estudo crítico da linguagem.” (BLOMMAERT, 2009, p. 95) Sendo assim, após o contato com tal movimento etnometodológico, percebi que é preciso sempre cautela para observar todas as dimensões da linguagem. Isso porque fora observado todo o contexto do campo de pesquisa: desde a entrada dos estudantes até a saída. Tal escola também era bilíngue e está localizada em Belo Horizonte.

Logo após essa vivência e depois de várias conversas com professores, intérpretes e funcionários percebemos que é possível sim um trabalho em uma perspectiva bilíngue, desde que haja formação, conscientização da legislação vigente e predisposição para aprender o novo, como vislumbra (FREIRE, 2018). Além da viabilidade desse trabalho bilíngue, é fundamental que o estudante surdo tenha um ensino em que a língua de sinais seja a protagonista da sua aprendizagem, pois ela é a sua língua materna. Tudo isso não é utopia, pois é viável - seja em uma escola bilíngue em grandes metrópoles como São Paulo, Belo Horizonte, seja em salas de aulas bilíngue em cidades do interior.

Passo agora a relatar com mais afinco a gênese desse meu interesse pela área da surdez. Ele surgiu em uma sala inclusiva durante um projeto de Análise Linguística do PIBID 2015 da UFOP. Após ter contato com alunos surdos e não saber Libras vi-me em um grande desafio em que a primeira atitude seria aprender língua de sinais. Não medi

esforços para isso, pois vivi (senti na pele) que o intérprete é um parceiro, mas o professor é o especialista em sua disciplina e é ele quem deve explicar de forma sempre acessível a qualquer aluno e, no caso do aluno surdo, a minha ponte para sempre explicá-lo de forma adequada é saber a sua língua. No CES Rio Branco vi a harmonia que era a professora bilíngue de língua portuguesa esclarecendo as dúvidas que os alunos tinham como vocabulário e palavras sinônimas.

Essa experiência superou todas as minhas expectativas, pois aquele ano era o primeiro tendo contato com uma escola bilíngue. O Centro de Educação para Surdos Rio Branco demonstrou-nos refletir sobre seus programas, projetos e o desenvolvimento de seus estudantes. Então, voltei com uma vontade ainda maior de me aliar à comunidade surda da região de Ouro Preto e Mariana. Voltei reflexiva e pensando sobre como viabilizar um ensino bilíngue no nosso contexto de cidade do interior ⁸cuja minoria surda é realmente pouca para criação de uma escola bilíngue. Contudo, por que não pensarmos em uma sala de aula bilíngue?

Percebemos o quão a região carecia de pesquisas que envolvessem educação de surdos e estamos testemunhando tal caminho ser percorrido, por nós e outros pesquisadores na Universidade Federal de Ouro Preto. Entretanto, há um outro fator interessante que deveria ser pensado para refletir na educação de surdos da região de Ouro Preto e Mariana. E eu não havia refletido até então. Bom, seguindo nesse mesmo viés das minhas memórias, retomo ao ano de 2016, paralela à essa minha experiência do meu contato com a primeira escola bilíngue – eu também cursava uma disciplina chamada Fundamentos da Educação: Filosofia.

Tal disciplina rendeu-me extraordinárias memórias afetivas. Isso porque fora realizado um percurso epistemológico para nós estudantes refletirmos a respeito da construção da infância, pois era uma disciplina do curso de pedagogia. Embora eu cursasse graduação em Letras na época, era uma disciplina que compunha também o currículo do meu curso. Sendo assim, por meio das teorias estudadas fomos conduzidos a trabalhos perspicazes que atualmente, com o percurso teórico caminhado até então, vi que ali foi a gênese da percepção racial no contexto em que vivia.

⁸ De acordo com o Edital 01/2024 - IFMG-OP do projeto de extensão intitulado: Curso básico de Língua Brasileira de Sinais – Libras e aspectos da cultura surda para familiares e colegas de estudantes de Ouro Preto, havia sete estudantes surdos oficialmente declarados na rede municipal de ensino daquele ano.

Diante desse cenário, o professor da disciplina, de forma brilhante, pediu para que procurássemos pessoas, com mais de sessenta anos, das cidades de Ouro Preto e Mariana, para fazermos uma entrevista que os perguntassem a respeito de suas memórias de infância. O trabalho foi realizado em grupo. Então, convidei meu avô e uma outra colega do grupo convidou também o seu avô. Combinamos que a gravação da entrevista seria na casa dessa colega. Para nossa surpresa, os dois já se conheciam, pois trabalharam juntos em uma empresa da região e não se viam há mais de três décadas. Foi lindo testemunhar esse reencontro. Deixamos que a emoção e saudades fossem vividas naquele momento. Afinal de contas, dois senhores negros estavam se reencontrando. Após terem vivido o reencontro e, ao percebermos o tempo dos dois, demos início à entrevista. Eu conduzi as perguntas e outros membros do grupo filmaram. Acredito que ali fora uma das experiências mais marcantes com a necessidade da perspicácia da condução de uma pesquisa.

Vô Raimundo deu início à entrevista falando a respeito de como foi sua jornada. Ele, que foi órfão aos 8 anos de idade e morava na roça, teve poucas memórias de infância a serem contadas. Ele sempre recorria à ajuda da Vó Margarida para contar as suas próprias memórias. Tal experiência fez-me perceber a nobreza do sentir o entrevistado e conduzir as perguntas de acordo com a realidade vivida, pois, se ele não tivesse nenhuma memória de infância, isso também seria um dado e/ou um resultado. Percebi isso após a apresentação do vídeo em sala de aula intitulado: Memórias e percepções sobre a infância de diferentes sujeitos sociais – 2016.⁹ Fora um trabalho magnífico, que fez com que eu percebesse a necessidade do tempo da pesquisa e é um material para matarmos as saudades dos nossos, pois ambos são memórias vivas da nossa ancestralidade recente. O professor dessa disciplina é o orientador desse meu trabalho e esse foi o primeiro contato com ele.

Segui então o meu percurso até me formar, nesse ano de 2016, na graduação do curso de Licenciatura em Letras da UFOP. Concluí esse curso muito empolgada por exercer a profissão e ficava refletindo sobre a potência de conseguir me formar em uma profissão na minha terra natal; na instituição que sempre almejei estar. Comecei então, a exercer algo que sempre gostei, por meio do percurso encantado na linguística textual e análise do discurso que era trabalhar com escrita e produção de texto. Consegui

⁹ Link do vídeo da entrevista: youtube.com/watch?v=seQVkgEQcrc&feature=youtu.be

rapidamente trabalho, mas, com registro formal foi possível somente no ano de 2019. Citar tal cronologia aqui é demasiadamente importante. A sala de aula já estreou com a exigência e responsabilidade de estar ali na frente e manter uma postura de busca constante. Lembro que, em uma dessas primeiras experiências, uma estudante perguntou o que eu achava das ações afirmativas. Naquele momento não tinha as ferramentas teóricas para me fundamentar, mas sabia que, se aquele corpo, de uma mulher negra, dissesse que era contra as cotas raciais, seria um argumento gigante para sustentar o racismo estrutural ali. Então, foi em um desses contextos primeiros da minha experiência profissional que vi a dimensão – e grande responsabilidade - de pensar e estudar a respeito das questões étnico-raciais. Sem dúvidas, foi – e é - a sala de aula que me exigiu isso!

2.8 – A linguística aplicada crítica e transgressiva e a junção do “lé com cré”

Então, em 2017, comecei a me preparar para o processo seletivo da seleção de mestrado da Universidade Federal de Ouro Preto e fui aprovada para começá-lo em 2018. Orientada pela Dra. Kassandra da Silva Muniz, a apresentação das teorias da linguística aplicada crítica e transgressiva fizeram-me uma revolução interna na qual deu-se origem ao meu letramento racial. Dessa forma, compreendi como opera, sistematicamente, a estrutura racista brasileira e o porquê de certas posturas minhas. Inicialmente, com essa consciência, assustei, mas logo depois ganhei fortemente a compreensão da dimensão do que é ser mulher negra nesse nosso país tupiniquim. Somado a isso, compreendi, de fato, o porquê estava fazendo pesquisa com o tema da surdez na minha região. Os primeiros estudantes que tive contato eram também negros.

Diante desse cenário, voltando às questões profissionais – pois fiz o mestrado todo trabalhando - foi somente em 2019 que entrei formalmente para o mercado de trabalho. Tal oportunidade foi conquistada mediante a apresentação da minha experiência curricular. Entreguei meu currículo duas vezes, sendo que, no segundo entregue, foi notado o detalhe que, naquela época, eu era mestranda. Em seguida, em 2020, ao observarem meu trabalho, fui indicada a uma oportunidade de uma empresa similar para ministrar aulas da grande área da língua portuguesa. Ambos contextos faziam parte da rede privada. Sendo que, em uma destas instituições, por meio de conversas a respeito de necessárias posturas antirracistas, vi notória intervenção contra o racismo.

Tal intervenção culminou em um evento em uma notória instituição acadêmica. Fui convidada a falar nesse evento sobre minha pesquisa concretizada em julho de 2020 e tive o segundo encontro com meu orientador do atual trabalho de conclusão de curso. Nesse dia, ele palestrava na parte da manhã. E eu, já preparada para participar de uma mesa na parte da tarde, ouvi uma frase dele que me impactou: “Se existe alguém que lutou pela liberdade em Ouro Preto e Mariana, esse alguém é Chico Rei.”¹⁰. Tal fala evidencia a oposição entre o feito de liberdade que não foi concretizado pela elite da Inconfidência Mineira, pois tal conjuração não foi concretizada devido à uma delação. Então, segundo o professor, se teve alguém que conseguiu, de fato, concretizar a liberdade na região, foi Chico Rei. Pode-se observar tal fato no seguinte trecho de (MOURA, 1997):

A descoberta do novo filão de ouro trouxe abundância e tranquilidade às suas vidas. Muitos escravos Kikuyu foram libertos com esse achado. Faltava ainda outro tanto. Mas, com os que vinham a se unir na cata da Encardideira, a liberdade ficava mais próxima. Liberdade para todos. (MOURA, 1997, p. 125)

Tal trecho revela como foi o processo do africano congolês, que, no momento em que se tornou dono de uma Mina de Ouro em Vila Rica, atual Ouro Preto, conseguiu sua própria liberdade e, em seguida, a liberdade de seu povo. Tal fato é diferente da Inconfidência Mineira que não foi uma revolução, uma vez que o movimento foi denunciado e os envolvidos foram presos e assassinados.

Sendo assim, mesmo com sensibilidade e observação ao meu redor sobre como linguisticamente o racismo é concretizado, vi que era preciso aprofundar e compreender melhor o meu contexto local, pois eu ainda chamava a minha região de Região dos Inconfidentes. Tal expressão – Região dos Inconfidentes – é algo muito comum na fala dos moradores locais que abarcam cidades do Ciclo do Ouro do século XVII e XVIII e que tem Ouro Preto como protagonista devido às riquezas de suas minas.

Então, com tal experiência em 2022, tive ainda mais certeza da necessidade de continuar estudando. Dessa forma, continuar no campo da pesquisa sobre questões étnico-raciais é ter a consciência que tenho muito a aprender, principalmente sobre minha região:

¹⁰ Fala do Prof. Dr. Marcus Vinícius Fonseca na V Semana Acadêmica Dom Luciano, cuja menção está disponível em <https://faculdadedomluciano.com.br/noticia/v-semana-academica-dom-luciano-em-mariana-fdlm-e-seminario-sao-jose/>. Esse evento aconteceu em agosto de 2022.

a Região de Chico Rei! Não à toa, tal expressão compõe o título desse trabalho. Dessa forma, em 2023, comecei a me preparar para o doutorado. Contudo, ainda não era o momento, pois não conseguia encontrar o tema. Então, senti que precisava esperar passar por mais experiências para ter certeza do que fazer. Coincidentemente, no fim daquele ano soube de uma pós que se tratava desse assunto que precisava aprender mais a respeito. Dessa forma, fiz inscrição para a Pós-graduação em História da Educação das Relações Étnico Raciais: história e cultura afro-brasileira e indígena do NEABI-UFOP.

Concomitante a isso, no início do ano de 2024, ingressei-me na rede pública de ensino da cidade de Ouro Preto. Com muito orgulho, fui aprovada usando a política de ações afirmativas no concurso. Acredito que este foi o primeiro concurso com cotas raciais na minha cidade, na qual fui aprovada, com louvor, em 1º lugar. Tal posicionamento fez-me ir para uma escola na sede de Ouro Preto. Ao chegar lá, tive a grata surpresa de ter uma aluna surda em sala de aula. Então, a certeza do que estudar a nível de doutorado foi concretizada. Decidi estudar as questões étnico-raciais e a surdez. Isso fora também validado por uma pesquisadora da área de Letras local, pois ela afirmou que nunca havia orientado alguém na região que havia falado algo a respeito.

Em suma, chego ao final desse registro memorial com imensa felicidade por toda essa trajetória. Fico encantada de perceber que sempre estive no lugar certo e na hora certa. A empolgação, como professora, continua muito forte. Isso fica ainda mais evidente sendo regente também, no ensino público, pois foi dele que vim. Somado a isso, ser professora na cidade onde fui criada; poder descobrir as boas histórias do lugar e poder contar aos meus estudantes conterrâneos é satisfatoriamente poderoso. Dessa forma, como já vislumbrava Nego Bispo: “Eu vou falar de nós ganhando. Porque pra falar de nós perdendo, eles já falam.”¹¹ Tal postura é a minha forma de ser ativista em sala de aula e na vida!

¹¹ Fala de Antônio Bispo dos Santos, líder quilombola brasileiro, em uma entrevista.

3. RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS E A SURDEZ

A partir das experiências tidas até então como professora de língua portuguesa para estudantes surdos, mantenho um olhar crítico e etnometodológico como vislumbra Blommaert (2009). Então, além do referencial teórico metodológico situado na etnometodologia, além da escrevivência (EVARISTO, 1996), falarei dos demais para realização desta análise. Primeiramente, apresentamos as legislações vigentes no que tange raça e surdez, a saber: (BRASIL, 2003); (BRASIL, 2002); (BRASIL, 2008); (BRASIL, 2005); (BRASIL, 2012). Somado a isso, evidenciamos as contribuições das relações étnico raciais que contribuem para a educação na região de Ouro Preto e Mariana: (FONSECA, 2022); (FONSECA, 2024). Finalmente, apresento os referenciais das pesquisas encontradas: (FURTADO, 2012); (FERREIRA, 2018); (SANTOS, 2019); (GOMES, 2019); (SANTOS, 2023); (RODRIGUES, 2023) e (LUIZ, 2023).

Dessa forma, retomando à postura etnometodológica observo sempre como o estudante é recebido desde a entrada e saída da escola. Como são os olhares destinados a esse corpo que sinaliza? Será que a identidade racial está sendo enxergada? Quais conhecimentos existem a partir das legislações já existentes? O que é falado? Como eu também reajo? O que é falado a curto e médio prazo? Como e quando intervir nas tensões que surgem diariamente?

Dessa forma, uma das questões mais recorrentes é a respeito da dificuldade da alfabetização e letramento do estudante surdo. Então, por esse motivo, nossa pergunta inicial de pesquisa era: como se dá a associação de alfabetização e letramento de estudantes surdos e as questões étnico raciais nas pesquisas atuais brasileiras? Isso porque pensamos na seguinte hipótese: existe uma possibilidade de que questões ligadas à alfabetização de surdos e questões raciais são pouco discutidas nas pesquisas no Brasil. Então, surgia, inicialmente, o objetivo geral que era fazer uma pesquisa bibliográfica para identificar o que já existia de produção científica sobre alfabetização de surdos e negritude. No entanto, ao participar do IV Copene Sudeste¹² e apresentar os caminhos dessa pesquisa, fui alertada que deveria me atentar mais à tensão que existe de um corpo surdo negro em sala de aula. Então, reformulei o direcionamento da pesquisa e eis que a hipótese foi: existe uma possibilidade de que questões ligadas à educação das relações

¹² Congresso de Pesquisadores Negros que aconteceu na Universidade Federal de Ouro Preto em setembro de 2025.

étnico raciais associadas à surdez são pouco discutidas nas atuais pesquisas no Brasil. A partir daí surge a seguinte pergunta: como se dá a associação entre as relações étnico-raciais e a educação de estudantes negros surdos nas pesquisas atuais brasileiras?

Então, meu objetivo geral foi: fazer uma pesquisa bibliográfica para identificar o que já existe de produção científica sobre educação para as relações étnico raciais e identidades negras surdas. Por fim, os objetivos específicos foram: elencar descritores para fazer uma busca no banco de catálogo de dissertações e teses da Capes; analisar os resultados dos resumos, apresentações e referências dos resultados para a construção das reflexões desse trabalho de conclusão de curso e construir este trabalho em duas partes, a saber: um memorial e a análise do levantamento bibliográfico.

Dessa forma, iniciei este trabalho com o supracitado memorial e, em seguida, comecei a fazer pesquisa no banco de dissertações e teses da Capes. Elencamos os seguintes descritores para a pesquisa, no período de 09 a 21 de agosto de 2025: negritude e alfabetização de surdos; negritude e educação de surdos; alfabetização de surdos e questões raciais; educação de surdos e questões raciais; surdez e relações étnico-raciais; Letramento visual e educação de surdos e questões étnico-raciais; Letramento e educação de surdos e questões étnico-raciais; Letramento AND alfabetização de surdos e negritude; Letramento visual e alfabetização de surdos e questões étnico-raciais; Letramento e alfabetização de surdos e Lei 10639; Estudantes surdos-negros e educação; Estudantes surdas-negras e educação; Estudantes surdos-negros e questões étnico raciais; Estudantes surdas-negras e questões étnico raciais. Tais escolhas demonstram o respeito à diversidade que esperávamos encontrar nas pesquisas realizadas. Então, encontramos os seguintes resultados descritos no quadro abaixo:

Descritores	Quantidade de resultados encontrados
1) Negritude e alfabetização de surdos	0
2) Negritude e educação de surdos (adicionado 20/08/2025)	4 (sendo que um dos resultados é igual ao descritor 4)
3) Alfabetização de surdos e questões raciais	0

4) Educação de surdos e questões raciais	1
5) Surdez e relações étnico-raciais	3 (sendo que um dos resultados é igual ao descritor 2)
6) Letramento visual AND educação de surdos AND questões étnico-raciais	0
7) Letramento AND educação de surdos AND questões étnico-raciais	0
8) Letramento AND alfabetização de surdos AND negritude	0
9) Letramento visual AND alfabetização de surdos AND questões étnico-raciais	0
10) Letramento AND alfabetização de surdos AND Lei 10639	0
11) Estudantes negros surdos e educação	2
12) Estudantes negras surdas e educação	2 (idênticos aos descritores de número 11); sendo que um deles é igual descritor de número 4
13) Estudantes negros surdos e questões étnico raciais	0
14) Estudantes negras surdas e questões étnico-raciais	0

15) Estudantes negres-surdes	2 (idênticos aos descritores de número 11); sendo que um deles é igual descritor de número 4
------------------------------	--

Dessa forma, foram encontradas oito dissertações de mestrado, todas elas na área da Educação, a respeito da temática surdez e negritude. Então, pelo fato de o tempo para análise ser curto - e eu conciliar tal análise com uma carga horária semanal de 30 horas/aula, totalizando quase 60 horas de dedicação ao trabalho dividido em duas escolas, localizadas em cidades distintas - as leituras, muitas vezes, foram realizadas dentro do ônibus coletivo no qual eu me deslocava para o trabalho. Nesse cenário, foram analisados os resumos e apresentações desses trabalhos que farei topicalizado a seguir, após a apresentação de cada um deles. Vou descrevê-los por ordem cronológica, ou seja, a partir da data de defesa de cada trabalho. Somado a isso, farei uma análise que abarcará o local onde os trabalhos foram feitos; qual universidade e região; qual o pertencimento étnico-racial dos autores; qual o pertencimento linguístico cultural – se são surdos ou ouvintes; as motivações da realização do trabalho e quais são as possíveis conclusões a cerca deles. Torna-se relevante apontar que, inicialmente a motivação era buscar respostas para questionamentos a respeito da alfabetização de surdos. Contudo, os resultados apontaram que devemos nos atentar não necessariamente para isso, pois o que é mais notório é a presença desse corpo negro surdo em sala de aula.

Quadro dos resultados encontrados

ANO	AUTOR (A)	TÍTULO	PERTENCIMENTO ÉTNICO-RACIAL	PERTENCIMENTO LINGUÍSTICO-CULTURAL
2012	Rita Simone Silveira Furtado	Narrativas identitárias e educação: os surdos negros na contemporaneidade	Negra	Ouvinte
2018	Priscilla Leonnor Alencar Ferreira	O ensino de relações étnico-raciais nos percursos de escolarização de negros	Negra	Surda

		surdos na educação básica		
2019	Rhaul de Lemos Santos	Negros/s surdos/as no Ensino Superior: mapeando cursos de graduação de Letras Libras	Negro	Ouvinte
2019	Elizabeth de Souza Gomes Souza	Narrativas que tecem redes de conhecimento sobre a Lei 10.639/2003 no currículo do curso de Pedagogia do INES	Branca	Ouvinte
2022	Sheila Martins dos Santos	Escrivências: denegrir(-se) e ensurdecer(-se) com estudantes negras surdas	Negra	Ouvinte
2023	Marina Evaristo dos Santos	Escrivência sinalizada: trajetórias escolares e não escolares de mulheres negras surdas e as contribuições da Lei 10.639/2003	Negra	Ouvinte
2023	Vitor Serra Rodrigues	A emergência de identidades negras-surdas na educação básica pública de Breves-PA	Negro	Ouvinte
2023	Deise Lisiane Soares Luiz	Memórias e apagamentos da trajetória de Oxum: uma surda negra em Caçapava do Sul	Negra	Ouvinte

Primeiramente, temos a pioneira contribuição de Rita Simone Silveira Furtado, cujo título da dissertação é: *Narrativas identitárias e educação: os surdos negros na contemporaneidade*. A área de pesquisa foi Mestrado em Estudos Culturais e Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), defendido na cidade de Porto Alegre, no ano de 2012. A pesquisadora se declara negra e, no seu currículo Lattes apresenta a titulação como mestre. Por meio da sua escrita, percebi que ela é ouvinte. Ela traz uma discussão a respeito da dupla identidade surdo-negra a partir de narrativas de sujeitos com essa dupla diferença, como ela própria define e se autointitula:

Busco, com isso, definir de onde me posiciono ao realizar determinadas considerações, pois não se trata de um dito normal escrevendo sobre o outro, sobre o diferente, como ocorre na maioria das vezes, mas trata-se de alguém que é o “outro”, e por isso, está inserida na categoria daqueles que, aqui neste projeto de pesquisa, serão denominados “duplos diferentes”. (FURTADO, 2012, p. 24)

Então, além da identidade racial marcada, ela marca a diferença de ser uma pessoa com deficiência e como ela é enxergada desde a sua infância por uma sociedade normativa. Ela compreende, infelizmente, esse lugar do Outro, que é criado pelos ditos normais. Sendo assim, como uma forma de romper essa visão desse Outro como incapaz, ela publica essa dissertação e sua motivação pode ser – justamente – a marca dessa dupla diferença, ou seja, pessoa com deficiência e negra. Sua dissertação traz um novo caminho epistêmico de concepção de uma dupla identidade a partir dessa dupla diferença, que é citada por vários outros pesquisadores aqui elencados. Retornando ao percurso da pesquisa de Furtado (2012), percebemos que ela realiza uma pesquisa com os perfis de alunos surdos-negros do curso de Letras Libras, da turma de 2008, da UFRGS e de alguns alunos da cidade de Porto Alegre. Ela aponta que grande parte não enxerga essa condição como dupla diferença, ou seja, eles identificam-se como sendo somente surdos. Tal pesquisa torna-se uma grande descoberta de referencial para a continuidade das minhas pesquisas.

De acordo com a cronologia das defesas, temos agora as contribuições de Priscilla Leonnor Alencar Ferreira; única pesquisadora surda que encontramos nos resultados. Seu trabalho tem como título: *O ensino de relações étnico-raciais nos percursos de escolarização de negros surdos na educação básica*. Sua dissertação também é situada na

área da educação e foi defendida em Vitória da Conquista, no ano de 2018, pela Universidade Federal do Sudoeste da Bahia (UESB). De acordo com sua narrativa, percebo que suas motivações é o seu ativismo surdo negro, o que, acredito que é interessante pontuar e definir, uma vez que as várias pesquisas aqui encontradas fazem referência a ser surdo negro e/ou negro surdo. Segundo a pesquisadora Ferreira (2018):

Negro Surdo: refere-se ao sujeito que possui duas marcas identitárias, ou seja, primeiramente a de negro e secundamente a de surdo. O indivíduo que possui essa dupla identidade, por exemplo, ao transitar por lugares movimentados, shoppings, ir ao médico ou em alguma situação que envolva um caso policial, por exemplo, o que primeiro será observado e até com certo estranhamento pelos ouvintes, nesse indivíduo, não é o fato dele usar a língua de sinais e ser surdo, mas sim, principalmente o fato dele ser negro. (FERREIRA, 2018, p. 38)

Dessa forma, a autora justifica o porquê de usar essa nomenclatura, uma vez que a estrutura brasileira ainda insiste em primeiro ver a cor do sujeito, não importando as suas demais identidades. Somado a isso, torna-se oportuno e pertinente a demonstração do outro conceito, na qual ela demonstra e sinaliza seu pertencimento:

Surdo Negro: refere-se ao sujeito que possui dupla identidade, ou seja, ele é negro e também é surdo. É aquele indivíduo que se orgulha da sua negritude e de pertencer a cultura surda e por isso participa de movimentos de lutas sociais em prol de seus direitos, não somente dos direitos das pessoas surdas ou com deficiência como acessibilidade, inclusão, mas também lutam a fim de que haja igualdade de oportunidades para a pessoa negra, como direito ao trabalho, maior acesso em universidades públicas, lei de cotas, enfim, lutam para que a lei seja de fato cumprida. (FERREIRA, 2018, p. 38)

Então, a pesquisadora demonstra pertencimento nesse lugar como ativista negra surda. É importante dizer que ambos conceitos surgem a partir das suas vivências com o Movimento Negro e a Comunidade Surda. Dessa forma, acredito que suas próprias identidades são sua motivação para conduzir seu trabalho de pesquisa. Priscilla faz uma pesquisa a respeito das relações étnico-raciais para negros surdos na educação básica. Um fato que achei interessantíssimo em seu trabalho é o fato de ela fazer a apresentação de seu trabalho em português e em língua de sinais escrita. Além disso, ela narra a origem da surdez quando sua mãe, que não sabia que estava grávida, contraiu rubéola. Então, ela conta sua trajetória de como foi descoberta a surdez quando ela tinha um ano de idade.

Sendo que, aos dois, começou um processo de oralização com fonoaudiologia e somente aos 6 anos de idade começou a aprender Libras. Somado a isso, o orgulho da sua negritude surge a partir do conhecimento de suas origens. Ela demonstra que sabe de onde vem e o quanto isso faz a diferença para se declarar surda negra. Priscilla Ferreira, assim com Rita Furtado, é uma das referências citadas pelos outros pesquisadores que foram encontrados nesse levantamento bibliográfico. Em suma, algo que é pertinente dizer é que ela continua nos caminhos de produção epistemológica, pois atualmente é doutoranda do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos - PÓS-AFRO na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Seguindo com as pesquisas, temos as contribuições do pesquisador Rhaul de Lemos Santos cujo título da dissertação é: Negros/as surdos/as no Ensino Superior: mapeando cursos de graduação em Letras Libras. Seu mestrado está centralizado na área da Educação e foi realizado na Universidade Federal do Paraná (UFPR), defendido na cidade de Curitiba em 2019. Atualmente, ele é Doutor em Educação. Ele discute sobre as interseccionalidades encontradas na graduação em Letras Libras nos cursos superiores após a concretização da Lei da Libras 10.436/2002 e do Decreto 5626/2005. Segundo ele, na época da sua pesquisa: “Não há menção de dados com recorte racial, a fim de que possamos avaliar se essa significativa transformação na ocupação das vagas contemplou estudantes negros/as surdos/as.” (SANTOS, 2019, p. 24). Dessa forma, com essa lacuna, ele justifica a viabilidade de seu trabalho. Melhor dizendo, ele investiga a ocupação de negros/as surdos/as no ensino superior após aprovação do decreto de 2005 pós surgimento do curso de Letras-Libras na modalidade à distância, viabilizado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com vários polos nacionais. Nesse sentido, ele demonstra em sua pesquisa uma crescente ascensão dos surdos matriculados negros em 2006, mas depois houve um declínio que estancou somente a partir de 2013, possivelmente pós aprovação da Lei de Cotas 12.711/2012. O autor sugere a urgência de se pensar na interseccionalidade de gênero e classe para continuidade das pesquisas. Além disso, foi por meio de sua escrita que conheci o trabalho da Priscilla Leonnor – pesquisadora já supracitada - cujas palavras marcaram-me demasiadamente: “Olha pra mim! Olha para minha identidade! Eu sou MULHER, NEGRA e SURDA, imagina o que falta pra mim!?” (SANTOS, 2019, p. 7). A dimensão da veracidade dessas palavras é inenarrável!

Passamos agora para as contribuições de Elizabeth de Souza Gomes Souza Santos, cujo título da dissertação é: *Narrativas que tecem redes de conhecimento sobre a lei 10.639/2003 no currículo de pedagogia do INES*. Seu mestrado foi realizado na área de Educação na Universidade Federal Fluminense (UFF), defendido na cidade de Niterói, em 2019. Ela aborda a primeira vez que teve contato com uma pessoa surda e teve como lembrança a dificuldade de comunicação. A partir dessa experiência, soube, por meio de familiares, que havia curso de Libras no Instituto Nacional de Surdos e decidiu iniciar os estudos em língua de sinais. A autora, após frequentar o instituto, demonstra encantamento com o contato com a comunidade surda e decide cursar pedagogia bilíngue e, com sua trajetória na área, decide tecer um caminho de pesquisa da graduação até o mestrado. Contudo, o que me chama bastante atenção é o relato de ela, como mulher branca, relatar as orientações que recebia na infância:

Ouvia falas do tipo, “você pode conversar com qualquer pessoa na escola, desde que não seja negra!” - referindo-se aos negros como pessoas que não eram dignas. Parecia que de cada 100 pessoas negras, apenas uma minoria poderia ser honesta. Então, cresci nesse ciclo de preconceito e discriminação racial sem nunca entender o motivo. (...) já ensinavam modos de agir: fale sempre baixo; não pode chutar a mamãe; fica quietinha; comporte-se; pensa direito; não fale com estranhos, principalmente com negros; negros são todos iguais; não sente perto de um negro; senta direito; (...) (GOMES, 2019, p. 22)

Particularmente, tal trecho marcou-me muito, uma vez que nunca havia tido contado com uma confissão tão cruel. Tal relato paralisa-nos diante da dimensão malévola de tais instruções, marcadas não somente na raça, mas também no gênero. A autora demonstra que não concordava com o que ouvia, mas também não tinha coragem de se manifestar contra. Ela não se autodeclara como branca, mas a partir dessa fala é perceptível. Então, em sua pesquisa, ela busca investigar se a Lei 10.639/2003 consta no currículo do curso de pedagogia do INES e como ocorrem práticas pedagógicas relacionadas. Tal percurso de pesquisa é realizado mediante entrevista com estudantes, pesquisadores e egressos do curso. Ela problematiza os resultados encontrados demonstrando a necessidade de ampliação da temática no curso, em como o incentivo de pesquisas futuras na área como forma de combate ao racismo.

Seguindo com as contribuições encontradas, temos a pesquisa de Sheila Martins Santos, cujo título é: *Escrevivências: denegrir(-se) e ensurdec(-se) com estudantes*

surdas negras. Tal dissertação foi defendida na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Mestrado em Educação, defendido na cidade de São Gonçalo, no ano de 2022. Atualmente Sheila é doutoranda em Educação pela UERJ e eu a encontrei, por acaso, em um grupo de WhatsApp de pesquisadores negros que irão se encontrar em Franca, São Paulo, no mês de maio de 2026 para discutirmos Surdez e Interseccionalidades no VI Colóquio Raça. Retornando à sua dissertação, a pesquisadora traz uma escrita poética abordando seus caminhos epistemológicos de forma metalinguística. Ou seja, o contato com o conceito da escrevivência como metodologia de pesquisa é algo que me identifiquei bastante para o meu futuro projeto de doutorado, pois concordo com a defesa da autora que a escrita acadêmica pode sim acontecer no contexto de: “escreviver uma trajetória, uma pesquisa-corpo-experiência, uma escrevivência” (SANTOS, 2022, p. 12). Tal conhecimento instigou-me a pesquisar mais tal metodologia, a qual acredito ser muito oportuna para pesquisas que envolvem surdez e negritude. Somado a isso, ela traz uma escrita sobre experiência com estudantes negras surdas e propõe um momento de aprendizagem juntas por meio do contato com a literatura negra dentro de um grupo intitulado Coletivo Alteridade e Diferença na Educação.

O sexto trabalho é de autoria de Marina Evaristo dos Santos cujo título da dissertação é: *Escrevivência sinalizada: trajetórias escolares e não escolares de mulheres negras e as contribuições da Lei 10.639/2003*. A autora defendeu sua pesquisa no Mestrado em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na cidade de Belo Horizonte, em 2023. Seu pertencimento étnico-racial é identificado como negra e seu pertencimento linguístico-cultural é de uma pessoa ouvinte. Além disso, ela traz uma discussão acerca de depoimentos de mulheres negras surdas escolarizadas após a aprovação da Lei 10.639/2003 e também de mulheres fora do contexto escolar, mas dentro de uma vivência antirracista. Para isso, ela usa muito bem a perspectiva da escrevivência, pois, segundo ela: “Conceição Evaristo pensou a escrevivência para que corpo e voz das mulheres negras possam ecoar no papel”. A autora afirma que “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande, mas acordá-los de seus sonhos injustos.” (SANTOS, 2023, p. 13) Dessa forma, percebe-se, mais uma vez, a pertinência de tal caminho para seguir futuros caminhos de pesquisas nesse contexto.

O sétimo trabalho analisado foi de Vitor Serra Rodrigues cuja dissertação é: *A emergência de identidades negras-surdas na educação pública de Breves/PA*. Ele

defendeu tal dissertação na Universidade Federal do Pará (UFPA), no mestrado em Educação e Cultura, campus universitário da cidade de Cametá, no ano de 2023. Sendo que, ao observar o seu currículo Lattes, faço uma sugestão de um pertencimento negro. Então, sua pesquisa, está centralizada no seguinte percurso:

Na referida proposta de pesquisa, eu buscava respostas a perguntas como: como os negros surdos se veem e são vistos? Enxerga-se como negros-surdos? Ou somente como negro? Ou apenas como surdo? E no ambiente escolar, será que o discente que se encontra nessa situação, se vislumbra com “dupla identidade”? Ou identidade nenhuma? Quais identidades são emergentes nos discursos docentes sobre negros-surdos? (RODRIGUES, 2023, p. 19)

Sendo assim, ele investiga como os sujeitos surdos se veem mediante às suas múltiplas identidades. Além disso, ele averigua qual é/quais são as visões dos alunos de Breves-PA sobre ser negro surdo. Sendo que, os dados demonstram que grande parte desses olhares sugerem algo de predominância negativa diante das falas desses negros surdos aos quais associam vivências – predominantemente negativas – sobre as vivências dessa dupla identidade. Então, o autor sugere políticas de inclusão voltadas para esse público como forma de intervenção. Tais políticas seriam destinadas a intensificar a inclusão dos negros surdos, principalmente na educação básica.

Por fim, temos as considerações de Deise Lisiane Soares Luiz cujo título da dissertação é: Memórias e apagamentos da trajetória de Oxum: uma negra surda em Caçapava do Sul. Tal dissertação foi defendida na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), na cidade de Caçapava do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, no Mestrado em Ensino, no ano de 2023. A autora tem um discurso marcado com pertencimento étnico racial negro, além de ser intérprete de Libras e ter contato com educação de surdos há 20 anos. A autora centraliza sua pesquisa a partir das memórias de uma mulher negra surda a qual ela identifica como Oxum, como forma de marcar seu pertencimento afrobrasileiro-religioso e manter o sigilo do nome da entrevistada. Ela aplica várias entrevistas e descobre ainda mais interseccionalidades a partir das já previstas, que eram de gênero, raça e diferença linguística. Somado a isso, ela propõe um trabalho territorial identificando quais são os territórios negros de Caçapava do Sul e, muito respeitosamente, apresenta as memórias e apagamentos de uma negra surda dessa

região - com experiência de formação em escolas regulares e bilíngues - que habita em um desses territórios e faz uma espécie de acompanhamento para obter tais memórias:

E para conhecer é preciso deixar-se capturar por formas outras de ver o familiar, ouvir o que está para além do que é dito, trazendo à superfície, os discursos não falados, as memórias não narradas, os sujeitos não vistos. Dar protagonismo e nome para que além de ser olhado, tenha significado, existência, identidade. Motivo pelo qual apresento aqui, a minha interlocutora, companheira nesse estudo e não apenas um sujeito de pesquisa, mas uma referência sobre o que significa ser um negro surdo neste território. (LUIZ, 2023, p. 21)

Dessa forma, a autora traz sua interlocutora, como ela própria menciona, como protagonista de uma pesquisa que é construída junta por meio dessa dupla diferença da surdez e negritude.

4. PONTOS EM COMUM DOS TRABALHOS ANALISADOS

Ao fim desta análise, foi possível chegar em algumas conclusões gerais a respeito do levantamento bibliográfico encontrado. Uma delas foi a feliz surpresa de descobrir que, de norte a sul do país, há discussões epistemológicas sobre raça e surdez. Seguimos então, elencando os pontos observados, das oito dissertações encontradas. Todos os trabalhos foram publicados após a Lei 10.639/2003, ou seja, as defesas aconteceram entre os anos de 2012 a 2023. Como uma forma de lembrete, é importante salientar que tal legislação nos orienta para o trabalho em sala de aula na educação básica para estudar História e Cultura Afro-brasileira. Tal resultado demonstra como os caminhos de pesquisa são impactados por tal legislação no Brasil. Contudo, ainda temos muito a aprender com a necessidade de novas pesquisas nessa área.

Somado a ela, uma outra legislação que devemos destacar é a Lei de Cotas de 2012. Tal legislação permitiu que 50% das vagas nas universidades públicas federais fossem destinadas à estudantes que tenham cursado totalmente o ensino médio em escolas públicas. Então, podemos considerar, também, que os resultados sugerem o quanto os efeitos de tal legislação podem ter contribuído para que tais temáticas sejam trabalhadas, uma vez que 90% dos autores das dissertações do nosso *corpus* são negros.

Entretanto, há necessidades que tais políticas públicas sejam ampliadas, uma vez que apenas uma autora é surda. Ainda que vivemos em um contexto em que a comunidade surda é minoria na sociedade majoritariamente ouvinte, é preciso atentar-se em políticas de expansão de surdos negros nas universidades, a fim de que seu ingresso e permanência nos cursos não só de graduação, mas também de pós graduação sejam garantidos. Até porque, ousar dizer, que serão esses sujeitos surdos que poderão futuramente cunhar pesquisas de como serão os processos metodológicos para alfabetizar e letrar uma pessoa surda.

Isso vai ao encontro também da necessidade de ampliação de programas de incentivo às pesquisas com essas temáticas – que envolvem surdez e negritude – uma vez que, apenas um dos nossos autores atualmente é doutor e apenas duas autoras atualmente são doutorandas. Esse cenário realmente acontece, pois todos eles afirmaram que a necessidade do avanço das pesquisas dentro desse contexto. Tal dificuldade pode ser justificada mediante à maioria desse público de pesquisadores serem negros e tal identidade é marcada por uma vivência de muita resistência - consciente ou não - pois como vislumbra Mano Brown em um dos seus *podcast* com Semayat Oliveira, do podcast Mano a Mano: o sujeito negro vive sempre na tensão de perder até aquilo que já conquistou. Dessa forma, a ampliação e criação de políticas públicas de financiamento de permanência para esses sujeitos pesquisadores tornam-se urgentes.

Outro ponto de interseção das pesquisas realizadas, são algumas referências comuns, são eles: Stuart Hall, que é um teórico jamaicano que funda o conceito de identidade na pós modernidade. Já Carlos Skliar é um escritor argentino que atua no campo da comunicação, inteligência, linguagem e cognição de pessoas surdas. Por fim, Kimberlé Williams Crenshaw é uma estudiosa norte americana que cunhou o conceito de interseccionalidade. Dessa forma, é perceptível a unidade epistemológica a partir dessa tripartite para futuras pesquisas na área. Acredito que esses três autores aparecem devido à complementação da dupla diferença: surdez e negritude de uma forma ampla ou que parte de um viés geral para um específico. De uma forma geral, temos a visão de Hall (2006) pois ele demonstra a importância de perceber a particularidade da identidade surda para a vivência do sujeito surdo. Já Skliar (2016) propõe um olhar para a surdez como uma diferença e reflete sobre ela devagar, sem pensar em uma definição estática. Por fim, temos a visão da autora Kimberlé Williams Crenshaw, responsável pela criação do termo interseccionalidade, que especifica as múltiplas identidades e contextos em que sujeitos

surdos possam estar inseridos, inclusive, a diversidade identitária de quem pesquisa, a qual percebemos nas apresentações de cada autor das pesquisas encontradas, pois não há um jeito só de ser surdo/surda; negro/negra; surdo-negro/surda-negra e é possível compreender ainda mais as alteridades.

Em suma, todas as análises aqui realizadas são breves, pois trata-se de um trabalho de conclusão de curso. Todavia, elas nos sugerem e incentivam a busca pela continuidade das pesquisas nessas áreas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que tenho pela surdez é gratidão. Isso porque foi por meio dela – e das teorias da linguística aplicada crítica e transgressiva - que consegui acessar a totalidade das minhas identidades. Ser mulher, negra, ouvinte, marianense, ouro-pretana, mineira, brasileira, latino-americana, cristã e pertencente da classe trabalhadora direciona a minha existência para sempre pensar a partir de qual lugar estou falando, fugindo de quaisquer padrões normativos. Dessa maneira, foi por meio dos estudos surdos que pude fazer uma análise profunda de autoconhecimento e ter a coragem de viver uma vida com todas as minhas verdades. Sendo assim, pude excluir – dentre vários fatores - da minha rotina, uma violência que apagava a minha identidade negra, quando não permitia que o mundo visse os meus lindos cachos, por exemplo. Então, comecei a perceber algo que nunca neguei, mas não me percebia ativista. Hoje sou e me reconheço em um lugar que quer contar as boas histórias, como a concretização da liberdade que Chico Rei trouxe para Mariana, Ouro Preto e região.

Foi por meio também desses estudos que me vi em um contexto de privilégio por ser ouvinte e viver em uma sociedade cuja maioria também é. Nesse sentido, percebi a responsabilidade de tal consciência e a coragem de me tornar ativista também dentro da comunidade surda de forma muito respeitosa. Forma essa que me faz perceber até onde posso ir, mas, acima de tudo, perceber que a centralidade dentro de todo esse movimento ativista, seja em prol de qual comunidade for, é um movimento de humanidade. Até porque tais estudos, para minha grande surpresa, fortaleceram a minha espiritualidade, uma vez que, dentro da Universidade entendi a potência do discurso de Cristo quando ele afirma que veio para que todos tenham vida, e vida em abundância! Senti-me abraçada,

com essa compreensão, pois sabia que a partir daquele momento, nas batalhas que enfrentasse dali em diante, seria protegida por essa força divina e pelo manto sagrado de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil!

Então, repleta de sentido e significado, avancei para águas mais profundas ao mergulhar nas minhas raízes ancestrais. Segui então estudando e fico cada dia mais orgulhosa da minha identidade de mulher negra pois, quanto mais estudo, mais percebo que a origem de tudo que tem de mais sofisticado nesse mundo, tem a mão preta no meio. Então, segui também prestando atenção em quais sinais surgiam na minha trajetória pessoal e docente. Dessa forma, milagrosamente, na hora e no tempo certo, decidi - e escrevo emaranhada e emocionada - que um dos projetos da minha vida é seguir com as pesquisas dentro da surdez com um novo acréscimo, que é a negritude. Seria uma ingratidão se eu não unisse essas duas interseccionalidades, as quais deram mais sentido à minha forma de agir no mundo.

No entanto, mesmo atenta aos sinais ao meu redor, às vezes caio em armadilhas, como “entrar na onda”, digamos assim, daqueles discursos que associam a não alfabetização de estudantes surdos ao fato de eles estarem em escola regular e/ou devido a fazer parte de uma família de classe baixa e que “só liga” para receber auxílio do governo. Talvez não por acreditar- muito menos concordar – mas estar imersa escutando tais discursos. Por esse motivo, inicialmente, pensamos em fazer um levantamento bibliográfico no catálogo de dissertações e teses da Capes para buscar pesquisas que associem surdez, negritude e alfabetização. Contudo, nada foi encontrado.

Nesse cenário, redirecionamos o caminho da pesquisa criando a hipótese de que pouco se discute surdez e negritude nas pesquisas brasileiras. E, a partir dos resultados encontrados, tivemos a confirmação dessa hipótese. Obtivemos oito trabalhos considerando surdez e educação para as relações étnico-raciais e que, a partir das análises aqui realizadas, nos incentiva a continuar com tais percursos pensando nas múltiplas identidades que englobam gênero, localidade, raça e diversas interseccionalidades. Tal caminho é o que pretendo continuar percorrendo como cientista, pois encontrei o que cientificamente motiva-me diariamente a pesquisar, descobrir, compreender, aprender e divulgar. Em suma, sigo o caminho de continuar pesquisando para estabelecer a partir de agora a construção de projetos futuros de pesquisa, pois quero continuar aprendendo as boas histórias da minha Região de Chico Rei!

6. REFERÊNCIAS

(IBGE), Instituto B. D. G. E. E. Censo Demográfico 2022: Identificação étnico-racial da população, por sexo e idade em Ouro Preto - MG. **Censo Demográfico 2022: Identificação étnico-racial da população, por sexo e idade em Ouro Preto - MG**, 2023. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/ouro-preto.html>>. Acesso em: 20 setembro 2025.

(IBGE), Instituto B. D. G. E. E. Censo Demográfico 2022: População residente por cor ou raça segundo os Municípios. **Censo Demográfico 2022: População residente por cor ou raça segundo os Municípios**, 2023. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/mariana/panorama>>. Acesso em: 20 setembro 2025.

ALMEIDA, João F. D. Bíblia Sagrada Ela de estudo conciso. In: LUCAS, O S. E. S. **A pesca maravilhosa: os primeiros discípulos**. Santo André : Geográfica, 2010. p. 1211.

ALMEIDA, João F. D. Bíblia Sagrada Ela de estudo conciso. In: JOÃO, O S. E. S. **Jesus, o bom pastor**. Santo André: [s.n.], 2010. p. 1211.

ANGELOU, Maya. **And Still I Rise**.

ANGELOU, Maya. **Eu sei porque o pássaro canta na gaiola**.

ARAÚJO, Joice V. D. **Barro Branco: por moradores nascidos e criados**.

BARBOSA, Lúcia M. D. A. Português como língua de acolhimento: o que a prática nos ensina? In: SILVA, Walkyria M. E.; SILVA, Wagner R.; CAMPOS, Diego M. **Desafios da Formação de Professores na Linguística Aplicada**. Campinas: Pontes, 2019. p. 209-225.

BLOMMAERT, Jan. Situar a Língua(gem). In: SIGNORINI, Ismar **Contexto é/como crítica**. São Paulo : Parábola, 2009. p. 91- 115.

BRASIL, Presidência D. R. F. D. LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002. **LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002**, 2002. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 18 julho 2025.

BRASIL, Presidência D. R. F. D. LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. **LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.**, 2003. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 3 agosto 2025.

BRASIL, Presidência D. R. F. D. LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. **LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008,** 2008. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em: 03 agosto 2025.

BRASIL, República F. D. DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. **DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005,** 2005. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 19 julho 2025.

BRASIL, República F. D. LEI Nº 12.711, DE 29 DE AGOSTO DE 2012. **LEI Nº 12.711, DE 29 DE AGOSTO DE 2012,** 2012. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm>. Acesso em: 23 Novembro 2025.

BRASIL, República F. D. LEI Nº 15.142, DE 3 DE JUNHO DE 2025. **LEI Nº 15.142, DE 3 DE JUNHO DE 2025,** 2025. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/115142.htm>. Acesso em: 02 outubro 2025.

CASTELLS, Manuel. A divisão digital numa perspectiva global. In: CASTELLS, Manuel **A Galáxia da Internet.** [S.l.]: Zahar.

CASTELLS, Manuel. Lições da história da Internet. In: CASTELLS, Manuel **A Galáxia da Internet:** reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. [S.l.]: Zahar.

DIAS, Petronilha B. G. Educação. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil,** Porto Alegre, dezembro 2007. 489 - 506.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra:** Uma poética de nossa afro-brasilidade.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória.**

F, João. [S.l.]: [s.n.].

FERREIRA, Priscilla L. A. **O ensino de relações étnico-raciais nos percursos de escolarização de negros surdos na educação básica.**

FONSECA, Marcus V. **A educação dos negros no século XIX na província de Minas Gerais.** Mariana: [s.n.]. 31 Agosto 2022.

FONSECA, Marcus V. Dom Silvério Gomes Pimenta: história, educação, estado e igreja. In: MELO, Edvaldo A. D.; COURA, José G. **O santo significado da liberdade na trajetória de um padre negro**. Mariana: Dom Viçoso, 2024. p. 183 - 204.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65ª. ed.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**.

FURTADO, Rita S. S. **Narrativas identitárias e educação**: os surdos negros na contemporaneidade.

GESSER, Audrei. **Libras?:** Que língua é essa? : crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.

GESSER, Audrei. **O ouvinte e a surdez**. 1ª. ed.

GOMES, Elizabeth D. S. **Narrativas que tecem redes de conhecimento sobre a lei 10639/03 no currículo do curso de pedagogia do INES**.

GOMES, Nilma L. Caderno CEDES. **Movimento negro e educação**: ressignificando e politizando a raça, Campinas, 11 setembro 2012. 727-744.

GONSALES, Priscila; AMIEL, Tel. Inteligência Artificial, Educação e Infância - Educação na Contemporaneidade: entre dados e direitos. **Panorama Setorial da Internet**, Outubro 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. 1ª. ed.

JÚNIOR, Augusto D. L. **História da Inconfidência de Minas Gerais**.

KRENAK, Ailton. Antes, o mundo não existia. In: NOVAES, Adauto **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª. ed.

LOPES, Ana M. H. Tempo e Argumento. **Múltiplos olhares sobre história única**, Florianópolis, julho/setembro 2018. 385 - 409.

LUIZ, Deise L. S. **Memórias e apagamentos da trajetória de Oxum: uma surda negra em Caçapava do Sul**.

MATUMBI, Jorge P. L. **14 de maio**. [S.l.]: [s.n.], 2021.

MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da Inconfidência**. 13^a. ed.

MIRANDA, Dayse G.; LUCIANA FREITAS, Vanessa S. D. P. Educação de surdos: reflexões e práticas. In: MIRANDA, Dayse G.; RODRIGO CARLOS PINHEIRO, Luciana D. F. **O recurso imagético como estratégia de ensino de português para surdos como segunda língua**. Curitiba: CRV, 2023. Cap. 3, p. 43-56.

MOURA, Helena. **O ouro da liberdade: a história de Chico Rey**.

MUNIZ, Kassandra D. S. **PIADAS: Conceituação, Constituição e Práticas - um estudo de um gênero**.

MUNIZ, Kassandra D. S. **Linguagem e identificação: uma contribuição para o debate sobre ações afirmativas para negros no Brasil**.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**.

OLIVEIRA, Adan. **Me chamo forró**. São Paulo: Ó do Forró, 2016.

OLIVEIRA, Mano B. E. S. Podcast Mano a Mano. **Podcast Mano a Mano**, 2025. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/0GnKiYeK11476CfoQEYIEd>>. Acesso em: 23 Novembro 2025.

PARRA, Henrique Z. M. et al. Infraestruturas, Economia e Política Informacional: o caso do Google Suite For Education. **Mediações**, Londrina, 15 Abril 2018. 63-99.

PAULA, Vanessa S. D. **Uso de Recursos Imagéticos no Ensino de Português Escrito como Segunda Língua para Alunos Surdos: uma análise à luz dos pressupostos do Letramento Visual**.

PORTUGAL, Jorge; MATUMBI, Lazzo. **14 de maio**. Bahia: Lazzo Matumbi, 2021.

PRETO, Câmara M. D. O. LEI Nº 1.318 DE 16 DE NOVEMBRO DE 2022. **Câmara de Vereadores do Município de Ouro Preto**, 2022. Disponível em: <<blob:https://sgm.ouropreto.mg.gov.br/c978a69d-c7d2-499d-9b12-c70ddad13c7f>>. Acesso em: 25 outubro 2025.

QUADROS, Ronice M. D. **Educação de Surdos**.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica.**

RAMON, Lucas. **Os números em Libras.** 1ª. ed.

RAMON, Lucas. **Tikinho descobre os fósseis dos dinossauros.** 1ª. ed.

REPÚBLICA, Presidência D. Planalto. **LEI Nº 3.353, DE 13 DE MAIO DE 1888**, 1888. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm>. Acesso em: 22 janeiro 2026.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.**

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.**

RODRIGUES, Vitor S. **A emergência de identidades negras-surdas na educação pública de Breves/PA.**

SANTOS, Adilson P. D. **Coleção de estudos afirmativos, 5: os reflexos de Durban em Ouro Preto e sua reflexão na UFOP.**

SANTOS, Antônio B. D. **A terra dá, a terra quer.**

SANTOS, Marina E. **Escrivência sinalizada: trajetórias escolares e não escolares de mulheres negras surdas e as contribuições da Lei 10639/2023.**

SANTOS, Rhaul D. L. **Negros/as surdos/as no Ensino Superior: mapeando cursos de graduação em Letras Libras.**

SANTOS, Sheila M. D. **Escrivências: denegrir-(se) e ensurdecer-(se) com estudantes negras surdas.**

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.**

TOLEDO, Tatiana. IFMG-OP. **IFMG-OP**, 2023. Disponível em: <<https://ouopreto.ifmg.edu.br/ouopreto/noticias/clarissa-fernandes-assinada-lei-que-reconhece-oficialmente-a-lingua-brasileira-de-sinais-em-ouro-preto>>. Acesso em: 8 Agosto 2025.

TOLENTINO, Luana. **Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula.**

TOLENTINO, Luana; CUNHA, Anna. **Mamãe aprendeu a ler.**

TRAVAGLIA, Luiz C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** 6ª. ed.